

CONTOS

A COR E A TEXTURA DE UMA FOLHA DE PAPEL EM BRANCO

CARLOS PESSOA ROSA

Prêmio UBE/CEPE - 1998 - FICÇÃO NACIONAL

JURADO: RAIMUNDO CARREIRO

ÍNDICE

A CRISE DA RAZÃO TONAL.....	4
A CRIANÇA CAIU EM ALGUM RALO DA RAZÃO	5
OS DENTES COMO MARFIM PEDIAM FOGO	8
CASAR TEM MUITO DE TREPAR COM CADÁVERES	11
FOI A PIOR NOITE DE SUA VIDA: UM CRIME E UM FREGU S DURO	13
UMA RAIVA APRISIONADA EM BLOCOS DE GELO	18
O SUSTO NÃO FOI A MORTE ACIDENTAL, MAS A GRAVIDEZ	19
MUDAR AS REGRAS OBRIGA UM TEMPO DE GUERRA.....	21
A MULHER BENZIA A CASA E ACENDIA INCENSOS VÁRIOS.....	24
A LUA É FEMININA	32
TIRAS.....	37
CRIATURAS DE BALTASAR	40
A CORE E A TEXTURA DE UMA FOLHA DE PAPEL EM BRANCO.....	49
IMPROVISO EM TOM MENOR	54
OS SONHOS DE PAULA	60

A CRISE DA RAZÃO TONAL

A CRIANÇA CAIU EM ALGUM RALO DA RAZÃO

E a navalha cortou a névoa que se abateu no rosto da cidade, no pacato cruzamento da principal avenida. É noite e chove; chove um líquido vermelho e viscoso. Aborto. Palavra solta. Igual ao ato que deixa feto em lata de lixo. O ódio de ver sangue vazando e corpo vazio de filho anula. Há um mapa sobre a calçada que resiste à chuva. Pele macerada em cal, raspada e polida. Há muitas tatuagens no couro do asfalto. No sono do mendigo, que dorme apesar do crime, existe uma ilha de areia grossa e branca. Um meteorito desenha uma luz prata no azul do sonho. Alguém morreu na queda do estranho objeto e ninguém viu. O homem que repousa na paz da noite está deitado sobre notícias, ruídos externos invadem em ondas sonoras seu dormir.

Ziguezaguear passos, coxas bojudas e calcanhares finos metidos em sapatos vermelhos. Amordaçada pela roupa preta grudada às linhas e um echarpe da mesma cor, com delicadas linhas douradas, enrolado no pescoço. Na noite, rostos são difíceis de ver. A mulher bruxuleia o corpo ao ritmo da droga e de *Adios Nonino*. Dança um tango no vão do MASP, mãos em carícias no sexo. Ritual de sombras sobre o espelho enegrecido da principal avenida da cidade. Tão forte é a música que mulher acredita segurar um filho. Retorna do delírio assustada e com as mãos vazias. A criança caiu em algum ralo da razão. A lâmina foi acerto de contas. É muito semelhante o lamento da música e a necessidade de justiça. Em algum canto escuro e marginal, há um crepúsculo que alberga museus com esculturas e pinturas de anjos perdidos em porões. Ninguém chora no limite, anestésicos adormecem as interfaces e todos caminham na frouxidão da retina. A cidade não é feita de devaneios ou idéias, mas de caminhares, mecânicos e militares passos.

Sirenes acalcanham os vazios, resvalam nos medos, afugentam meretrizes e ladrões de carros. Ventania em varais; tempestades no deserto. Depois, ladrão é ladrão, puta é puta, homem de bem nunca existiu. O ilícito é praga que cresce no homem desde o nascimento. Na vida, tinha freguês religioso, juiz e até freguesa. Por

um momento, preocupa-se com o sem-teto, poderia ter presenciado o crime. Dormia profundamente. Ante a palidez noturna, o coração pulsa no abdômen da fêmea; ela ouviu em algum lugar que as prisões são frias noites em deambulação. Matar um bastava, e o mendigo nada lhe fizera que justificasse outro assassinato. A mulher de cabelos negros e curtos, com franja na testa, deixa o corpo verter no sentido da Peixoto Gomide. Vez ou outra, joga um flash de olhar para trás. Filhos que nunca chegou a conhecer perpassaram seus pensamentos. A primeira gravidez havia sido de homem-pai.

A vida não é película animada ou drama televisivo, transformou-se em espetáculo circense. A noite é cheia de trapezistas, palhaços e animais exóticos. O absurdo habita a madrugada. Homens de branco passam em algazarra como sanhaços desbotados. Pais-de-santo. Todo médico tem algo de xamã. Bruxos, feiticeiros e lobisomens encontram-se depois da meia-noite. Ritual de sangue e suturas, culpas e gemidos de dor. Cochichos de morte. Distraem-se com o rosto de boneca da passante, jeito bojudo e borracha, metido em ruge e purpurina. Doutores não percebem o ar arder no peito e aleijar a pressa. A maldita droga faz falta. No escuro, a gota pinga seu rebrilho com a força de uma flecha. Lugar zumbi. Dói muito morar nos labirintos, roupa colada ao corpo e boceta cheia de clandestinos. A garoa pesa igual choro nos olhos passadiços dos carros. O rosto não mina água, é feito da areia adusta dos desertos. De repente os cabelos negros e escorridos clamam por suicídio.

O pontapé na barriga acorda o miserável adormecido no vão do MASP. Não gostou de ser arrancado de sua ilha com único tranco. Homens fardados calaram o ódio. Não vi nada, não sei de nada; costume das madrugadas. Apanhou sem saber motivo. Enquanto se contorcia de dor, os policiais conversavam com a central. O perfume agradável levou seus olhos até o cadáver na calçada. Conhecia o morto, cuidava das mulheres da vida e sempre lhe dava um trocado. Costumava chegar alta madrugada para conferir os negócios. Deixava carro importado na calçada, ao som de *Bidonville* ou *Oblivion*. Enquanto meninas aliciavam fregueses, queimava um charu-

to cubano. Mantinha cabelos escorridos em gel e vestia ternos discretamente listrados. O lenço de seda era acessório inseparável. Cuidava bem das meninas, seria capaz de morrer por elas, mas também tinha seus momentos de histeria que marcavam rostos de vermelho. Não disse nada aos homens da lei. Identificava-se mais com o gigolô.

Um último chute saltou olhos do desprotegido. Uma estremeção ocupou seu corpo. Morreu asfixiado pelas próprias secreções. Ninguém levantou dedo para ajudá-lo. Policiais enxergavam medo das pragas que o desgraçado poderia carregar, deixaram cabeça bater no chão e espuma sair pela boca. O excluído mais parecia um boneco de corda. O corpo contorceu-se por alguns minutos e caiu em relaxamento extremo. Pedaco da língua ficou convulsionando ao lado do corpo. Sem testemunha e com dois mortos, os da lei optaram pela facilitação do serviço. Morador das ruas passou de suspeito a criminoso. Cidadão está amortecido, envergonhado, amedrontado... apodrecido!!! Além de morto não se defender, aquele nem família para sofrer a sina tinha.

Já disse — mas narrador não serve de testemunha — que o homem estava perdido em alguma praia, quando um lanho transformou o pescoço do gigolô em chafariz de sangue. A luz da lua, segundos antes, refletiu fios prateados na lâmina que descia do céu igual meteorito. Objeto cortante não encontrado nas redondezas do suspeito que morreu branco nácar. Não têm documentos, o dito criminoso e a vítima. Muitos sem identidade simplesmente adormecem. Camburão limpa o cruzamento. O jato de água transforma sangue em crepúsculo rosicler. Na distração, rato leva a língua para o bueiro. Agora, menos utilidade teria o órgão musculoso.

A mulher abriu a bolsa e retirou um lenço embebido em perfume. Pedaco de espelho expõe os lábios vermelhos. Trêmulas pela falta do pó branco, mãos limpam a navalha. Rosto do macho e da criança, como irmãos gêmeos. Puta não é mulher; puta é qualquer coisa, menos mulher; puta não pode parir filho de homem que ama. A velha de pescoço grosso e unhas impregnadas de nicotina só quis saber se tinha o

dinheiro. Houve época que pontapés bastavam para expulsar embrião. A parteira enfiou qualquer coisa lá dentro. Escapou uma ponta de remorso que retornará nos momentos mais impróprios. Não seria a primeira cicatriz a carregar. Nem a última. Sangue escorreu junto com mais alguma coisa direto para a lixeira. Saiu com prescrição em papel higiênico e o rosto de longos cílios negros manchados de rímel.

Um carro parou ao ver a profissional de lábios suculentos e vermelhos acenar no meio-fio de alguma rua entre a avenida Paulista e Peixoto Gomide. Puta não se dá ao luxo de viver de tristezas. Subiu.

OS DENTES COMO MARFIM PEDIAM FOGO

O homem não imaginava o que seria de sua vida quando entrou no boteco encardido entre a Consolação e a Augusta. Tentava ver o futuro no fundo do copo de cerveja, aquela coisa mágica de rostos lesmas e arco-íris. Deixou tudo para trás: a família, os discos de Piazzolla e a idéia de um futuro. Saída de ladrão, não queria escândalos ou choradeiras. O bilhete agitaria as peças e depois, como em qualquer jogo, cada qual encontraria seu par e reencontraria a ordem. A ausência de um jogador, fato corriqueiro em uma mesa de dominó, seria logo esquecida. Ninguém sobrevive à idéia da morte por muito tempo. Desesperação, *La Maison de Monique*. Abandona a vida com uma única frustração, não ter conhecido Buenos Aires ou Santiago de Salvador Allende. A grana sempre faltava, até para morrer escolheu arma econômica. Levaria a cidade imaginária para o túmulo.

A madrugada avançava pagueada, cheia de chiados roçando pré-verbais no ouvido do desertor, quando um ar quente quebrantou o selvagem. Intrometidos olhos que encontraram a fonte sonora. Os dentes brancos como marfim pediam fogo. Sem tesão e sem dinheiro, não queria pensar em fêmea, mas os cabelos negros e curtos a abraçar as orelhas, de onde fugia um pescoço longo e roliço, fizeram coração bater na língua. A chama torrou o palito e ardeu na ponta do dedo. Fragmentos de suculentos lábios em batom vermelho, narinas ovaladas e olhos incrustados em rosto de borracha. Abismal silêncio, desassossego à procura de

ressonâncias, imagens e cheiros. Sempre teve uma certa atração pelos perfumes vagabundos, havia algo de primordial neles, coisa de cão que cheira o sexo da cadela. O fato é que nunca teve coragem de dizer. Foram muitos os devaneios e as fantasias que deveria ter dito e não teve coragem. As lembranças que se guarda dos mortos nada têm a ver com o sujeito que se foi; a verdadeira identidade está no não-dito. O nome na lápide não vale merda.

O afogueamento na ponta do cigarro aumentava a cada tragada, crescia e morria igual idéias delirantes, a cinza quedava em bloco e desaparecia em redemoinhos. Sempre desejou ser cremado, achava mais natural e excitante. Em sua opinião, mortos não deviam deixar pistas. Jogava idéias nunca ditas à estranha de franjas negras, brincos dourados e calcinhas brancas. Não parecia haver muita diferença entre sua profissão e a dela. Ouvidos de psicólogo e de puta escutam as mesmas fantasias e os dois cobram pelo serviço. A diferença é que a puta sabe que não muda nada e o psicólogo acredita mudar as pessoas. Fodido é o padre que ouve, acredita mudar e não cobra. Pelo menos oficialmente. Assim é a vida, cheia de onipotentes, impotentes e resignados. Sempre acreditou que putas tinham mais noção da vida. O tipo que aparecia no consultório vinha de outra linhagem, cheia de pânicos e camuflagens.

Quanto mais idéias queimavam na boca do estranho, mais o calor das pernas da mulher que entrou apenas para pedir fogo ardia. Metia-se em encrenca e não queiria. Derretia-se toda e sabia o preço do prazer. Mulher de rua não podia ter sentimentos, este era seu primeiro mandamento. Desrespeitou-o algumas vezes e pagou caro. Não se importava, a noite havia sido carregada de ódios. Arrependimento, nenhum. Não fossem as palavras, o homem ao seu lado não lhe causaria impressão tão boa. Ele tinha algo de madrugada no sangue, os hiatos entre as idéias pareciam estranhezas que vinham do céu. O convite surgiu quando percebeu que o homem não tinha dinheiro para pagar a cerveja. Vestido em camisa de grife e calças largas de linho, com a cara limpa de crimes, não traria riscos imediatos, disso tinha certeza.

Três luminárias em linho cru, distribuídas de modo a desenhar um triângulo

imaginário, desnudaram móveis antigos. Todo o ambiente projetado com equilíbrio e perfeição. O armário envidraçado trazia pratos, jogos de chá e café antigos com motivos rurais em azul. O sofá forrado em seda ocre trazia castelos e jardins medievais. No tapete, a figura de mulheres descansando à beira de um lago. Na mesa de centro, a escultura de um homem musculoso jogando o peso do marrão sobre concreto. Do quarto, um tom lilás espiava. A cama arredondada ocupava quase todo o espaço. No teto, o espelho refletia a peça de renda com fundo azul acetinado. O abajur sobre uma cômoda e o incenso enchiam o ambiente de magia. O real e a fantasia. Não passou por aquilo que algum filósofo chamou de desencantamento, preservara seu lado criança, de mula-sem-cabeça, de bruxas e lobisomens. Adorava ler Mario Quintana e ouvir Astor Piazzolla. Homens de almas meretrizes mergulhados em perfumes antigos, vadios e vagabundos.

Surpresa, a mulher permaneceu parada com ombro apoiado no batente da porta, entre a sala e o quarto. Em geral, os homens tinham fome de sexo e não perdiam tempo com imagens, cheiros e cores. Do quarto, o sujeito ficou um tempo no rosto barroco da prostituta, notou-a incomodada, talvez olhassem somente sua bunda e suas coxas. Viajou pelas linhas, não pelas proporções e brotamentos, da mulher que o acolheu. Igual criança olha o mundo, de baixo para cima, ela era mais alta que ele. Tornozelos e cinturas finas, os seios discretamente à mostra e os cabelos molhados.

O lugar não tinha nada de vulgar, parecia o consultório analítico de algum discípulo de Lacan, com *La Maison de Monique* ao fundo. Convidou-a a dançar. Acreditou estar em Buenos Aires ou Santiago. Pouco importava, no exílio imagens da terra natal são mais fortes. A sala girava nos olhos de vidro, queixo quedado no ombro do estranho que encontrou na noite. As palavras que saíam da boca dele vinham do nada e cheias de odores. Não ter ilusões sempre foi seu segundo mandamento. Trepariam e acordariam somente com fragmentos, nada mais. Ela sabia, homem algum permanecia mais de um dia no quarto de uma profissional. Pagavam para ser

esquecidos e também para esquecer. Tudo muito profissional. Voltavam à rotina enjoados, enjoados e desmemoriados.

Assim foi a noite, queimando gozos e a chama do incenso, mãos perdidas em carinhos.

CASAR TEM MUITO DE TREPAP COM CADÁVERES

Levantou-se, pegou as roupas e foi até a sala. Evitava qualquer ruído, não queria se prender a ninguém. Nem mesmo o brilho que viu nos próprios olhos refletidos no teto seria suficiente para mudar o destino. Talvez se a tivesse conhecido antes... Uma fatia de luz atravessava o vão deixado entre a porta e a soleira. O ruído de motores e buzinas diziam de um mundo que o aguardava. Não deixou a incerteza tomar vulto. No centro da porta, entre uma farmácia e uma padaria, apareceu um homem com roupas amarrotadas e cabelos desajeitados. Do outro lado, por ironia, um painel enorme dizia dos riscos do sexo. Deu com os ombros no vazio. Em certos momentos, toda ação torna-se suicida, sabia disso. Entrou na padaria à procura de café. Nenhum antibiótico adiantaria para o maldito vírus. Pagou com o dinheiro que a mulher havia deixado sobre a mesa. Riu da perda dos valores morais.

Difícil escolher caminhos quando o passado não nos mantém mais e abandonamos a idéia de futuro. O andar fica mais pesado, os pés adquirem o peso de chumbo. Seguir para a Consolação ou para a Paulista? Para o cemitério ou para o vão do MASP? Meditar merecia o silêncio dos mortos ou das artes. Melhor ser encontrado sob a tutela de um Van Gogh ou Picasso. No outro lado da rua, avistou uma última vez janela ao alto. Uma parte sua tinha permanecido lá dentro. Os escapamentos dos ônibus despejavam uma fumaça preta no ar e no prédio ao lado um velho debruçado na sacada da varanda fitava a ausência.

Assim que acordasse, a mulher ouviria *Jorge Adios*. Corpo de serpente, de criança que, assustada, roça o corpo no da mãe. Deixaria a água do chuveiro levar mais uma ilusão para o ralo, passaria a escova no corpo para tirar palavras e odores que a fizessem sofrer. Por um momento, acreditou na intensidade da cena. A mulher não

passava de uma profissional que por algum motivo desconhecido resolveu fazer uma caridade, só isso, nada além de uma caridade. E ele querendo transformá-la em personagem literária. Quando acordasse, usaria o bilhete que deixara sobre a cômoda para limpar a bunda e bradaria palavrões por ter levado um pouco de seu dinheiro.

Dentes-marfim... A boca mais parecia uma vagina mordendo e engolindo o sêmen. Na noite, chamas queimam mais, lábios engolem e nos distanciamos das regras e das leis. O crime cometido na noite é sempre mais trágico, o criminoso é perseguido pelos próprios passos, os sons são muito mais intensos, grito de dor é abafado pela cortina negra. Ninguém vê o medo de quem ouve e nada faz para ajudar. Mas é muito mais romântico ter um corpo caído nu na madrugada, mesmo que não haja platéia, a vida e a morte são irmãs solitárias. A mulher adiou a hora de sua morte sem saber. Pior, começava a ter dúvidas. Se prevenir cicatrizes era o objetivo, melhor seguir no planejado. Pensamentos não levam o corpo a lugar nenhum. Caminhou sem procurar gravar o número do prédio, não queria reencontrar a entrada.

Subiu. Ruídos de *Libertango*. Ao fundo, uma bailarina e um vento, menores com estiletos em pescoços sensuais, bocas em gritos abortados e a braguilha aberta de um exibicionista. Os heróis caminhavam pelo cenário sem modificar nada em suas vidas, olhavam vitrinas e compravam roupas que não escondiam nudez. Próximo da Paulista, bonecos de louça saíam e entravam no hotel de luxo.

Na avenida, seguiu à esquerda, evitava assim a Livraria Cultura, estava cheio de tudo que vinha carimbado com o selo do sistema. Não acreditava haver literatura em mensagens servidas como um pudim depois de farta feijoada, cheirava um pouco à psicanálise que acabava de deixar de lado. Além disso, deveria seguir o planejado, morreria no vão do MASP, nada de ilusões, de putas travestidas de rainha de sabá, do satânico testando Jó. Passou horas diante de um livro de anatomia para não cometer erros. Cortaria a artéria radial, de nada adiantaria cortar veias. Não cometeria um único deslize, não deixaria alma caridosa dizer que salvou a vida de algum

histórico.

Passou a manhã e a tarde em concílio com bruxos que surgiam e partiam na avenida mais alta da cidade. Muitos paravam para ver uma mancha pálida de sangue coagulado sobre a calçada, o carro da prefeitura limpou a imundície de cobertores velhos e encardidos misturados a jornais antigos, crianças banhavam-se em águas sujas chamando-o de tio e um louco fez a encomenda dos mortos. No almoço, o som de cordas colidiam com Piazzolla. No crepúsculo, noivos apareceram para fotografia. A noiva com tradicional vestido branco em rendas e o noivo metido em fraque cinza listrado. Casasse novamente, seria ao som de *Moderato Místico*, usaria o capuz do Deus Irlandês Dajda, assim ficaria invisível, e a noiva vestiria preto. Casar tem muito de morrer e matar, de antropofágico, de trepar com cadáveres. Jurou que não haveria mais novamente...

FOI A PIOR NOITE DE SUA VIDA: UM CRIME E UM FREGU S DURO

A mulher dormia com penhoar acetinado, sem calcinha e a cabeça ligeiramente para fora do travesseiro. À mostra, a malha negra cuidadosamente aparada entre as coxas e os bicos dos seios. Nenhuma luz atravessava a cortina de tecido grosso e cru. Já passava das duas no relógio de mesa. As pálpebras bem que tentaram, mas as sombras no quarto fizeram com que as fechasse rapidamente. Na cabeça, as grossas linhas no rosto da parteira, o sangue jorrando do pescoço do homem e o estranho que encontrou no bar. Apalpou o vazio ao lado, não esperava muito de qualquer encontro, nem sabia o motivo de passar as mãos sobre o lençol, nunca permaneciam. Chegou a acreditar que seria diferente, mas a idéia não durou mais que o tempo necessário para sair do pesadelo.

Colocou o CD, faixa 4, *Bidonville*. Toda manhã ouvia a mesma música, há anos. Acalentava o ardor na vulva, acalmava-a. A vontade de mijar era muita. Enquanto urinava, aproveitou para escovar os dentes. Nunca imaginou sentir cheiros nas palavras, mas aconteceu com o estranho. Algo dizia que ainda o encontraria, tinha esse lado bruxa de prever acontecimentos. Tirou a maquiagem e demorou observando o rosto.

Impressionou-a a cara da aborteira, cheia de linhas horizontais e duas oblíquas atravessando a testa, uma de cada lado. Cascavel, com sinete e tudo. Não saísse da rua e seu destino seria o mesmo. Agora, sem macho para protegê-la, a tendência era piorar. Deixou a água morna enchendo a banheira e foi até a cozinha pegar um copo de leite. Entornou-o na boca. Fez de conta não ter visto o bilhete sobre a cômoda. Não queria que ódio apagasse as boas lembranças.

Il Pleut Sur Santiago. O estranho tinha algo de Santiago, besteira pensar essas coisas, ainda mais que nunca havia estado no Chile. Onde andaria o estrangeiro? O gigolô, com certeza, jazia na mesa fria do IML. Nenhuma gota de arrependimento. Dizem que alguns trepam com os cadáveres de mulheres. De homens, também. Ritual de feitiçaria, somente assim se consegue viver ao lado dos mortos. Virgem ou não de cu, será enterrado como indigente. Quem cuidaria dela agora e arrumaria fregueses especiais? Ficar na rua sem intermediário é encrenca com a polícia. Puta achacada vira comida de adolescentes, isso não queria. E se a polícia tivesse alguma testemunha? O mendigo que dormia debaixo do vão do MASP teria presenciado o crime? Prisão, nem pensar, cortaria os pulsos e deixaria uma ratoeira armada na vagina. Puto nenhum enfiaria o pinto no seu cadáver. Fora o indigente, ninguém mais poderia ter visto a navalha cortar, a garoa fina formava uma cortina tênue entre eles e a avenida. Foi a pior noite de sua vida, um crime e um freguês duro. Pegou o dinheiro, faltava algum. Conferiu novamente. Não havia dúvida, o cara metido em roupas sérias havia sido abusado. Poderia ter roubado tudo, mas não, levou apenas uns trocados que mal pagariam um pingado. Perdoou-o, pelo menos enquanto não o encontrasse novamente.

Enfiou a cabeça na água e deixou-a escorrer nos cabelos, relaxar o corpo e aquecer o objeto de trabalho. Arrepiou-se ao lembrar que o estrangeiro que, como ela, gostava de Astor foi o único homem que a fez atingir o orgasmo com tamanha intensidade. Até que não cobrou muito pelo que fez, podia ter levado tudo, sentir-se mulher não tinha preço. Ficou um bom tempo deitada na banheira. Não demoraria

para a noite chegar. As amigas já deviam saber que algo de errado havia ocorrido com o santo protetor. Aparecia à tarde, quando as meninas estavam descansadas, para levar a porcentagem, cobrar a droga e deixar o troco sempre minguado. Ser a preferida dos fregueses deu-lhe algum privilégio. Arranjar o pequeno apartamento a seu gosto, por exemplo. Ele não admitia cliente fixo, dizia que podia estragar o negócio. Se achasse inadequada alguma conduta com freguês ou houvesse excesso de pó, o sermão era bravo. Nunca deixou protegida sua na mão, a não ser por merecimento. Pagou o aborto sem saber que o filho era dele. Até o nariz, um pouco arrebitado, igualzinho ao dele. Conseguiu esconder três meses, quando soube não quis saber de quem era. Filho de puta não é filho de ninguém, gritou. A bruxa tirou a criança sem remorsos, fazia um grande favor para a humanidade deixar útero de mulher de rua vazio. Até juiz, promotor e padre concordariam.

O telefone roubou-lhe o banho. A informação começava a correr, uma amiga soube que o corpo estava no IML aguardando familiares. Esperariam a vida toda, não se abria com ninguém, nem o local de residência conheciam. O disque-disque que acontece nesses momentos sempre vem com alguma dose de inverdade. Uma das fofocas afirmava que o criminoso havia sido um mendigo. Confessar não confessou, diziam. De tanto apanhar, nem chegou à delegacia. Melhor ficar no luto, recomendavam umas às outras, nesses momentos a rua fervia. Não ligou, preocupou-se em colocar uma roupa mais discreta, que não chamasse tanto a atenção da polícia. Mesmo sabendo que homens gostam da vulgaridade, deixou a maquiagem e o perfume de lado.

Seguir sentido Consolação ou Paulista? Já que ninguém sabia nada sobre o ocorrido, resolveu voltar ao vão do MASP. Coisa antiga essa atração de criminoso pelo local do crime. Perversidade infantil.

UMA RAIVA APRISIONADA EM BLOCOS DE GELO

Viver na cidade é ter o crepúsculo roubado da visão. O homem fechou com porta de aço o horizonte. Aprendemos a nascer e a morrer com o crepúsculo todos os dias, e sem este olhar contemplativo nada somos além de máquinas de fazer moedas. Morrer é este movimento simples de se pôr, apagar de luz, de ceder o espaço à escuridão. Argamassa e luzes de néon são a mentira, o céu e o inferno do positivismo científico. Assim era o homem, todas as tardes, arrependia-se de ter abandonado a pacata cidade onde nasceu. A capital ofereceu-lhe estudo, boas mulheres, bons teatros, bons cinemas e até uma família, mas roubou-lhe o que há de mais sagrado na vida: o crepúsculo.

Entristecia-o morrer assim, sem o canto barroco e o jogo de cores da tarde. Por isso escolheu o vão do MASP, mergulhado em artes e no local mais alto, moradia de bruxos e feiticeiros. Demorou para compreender o que alguns clientes diziam, não havia sentido algum em permanecer no mundo. A sensibilidade estava ao alcance de uns poucos, isto a profissão lhe ensinara, fenecer deve ser um ato de apostasia, uma deserção consciente. Não se deve ir apenas por vontade do destino, mas por que assim o desejamos. A morte é nos ausentarmos, não a ausência em si.

Você já ouviu *Combate en La Fábrica*, perguntou-lhe certo dia o paciente argentino. Assim é a vida, meu amigo, deve-se lutar pelo que se acredita, mesmo que a luta nos leve mais cedo do que imaginamos. Que é de um ser humano sem ideal? Vamos, diga-me! Passou a ter prazer de ouvir Piazzolla, compreendeu com sua música que um dia esgotam-se todos esses sonhos bestas de imortalidade, as justificativas inconsistentes para afugentarmos medos do desconhecido, e nada mais passa a ter sentido. Então, quando nem mais as artes, um amontoado de mortes metafóricas transformadas em objeto de culto, nos alimentam, é chegada a hora de abandonarmos a orbe.

Nem nas artes conseguiu adiar um pouco. Virgínia Woolf, Sylvia Plath, Van Gogh, Charlie Parker e tantos outros deram-se um tempo. Partiram no dia escolhi-

do, quando o novelo de medo se desfez. O que construiria um homem amputado da própria vida, estorvado pelo dinheiro, tornado cego de crepúsculos? Nada, isso mesmo, nem a família foi obra sua, deixou emoções aprisionadas em blocos de gelo e carregou-as de um lado para o outro como executivos fazem com suas pastas vazias de conteúdos. Que outra atividade poderia ter alguém que acreditou em Freud? Não, nada se cura, para a mente nada é doença, tudo é possível, até assassinatos e suicídios.

Morrer sem conhecer a Santiago de *Il Pleut Sur Santiago*, aí está a verdadeira peste. É tarde para arrependimentos, não dá mais tempo para nada, não quer ter tempo, a mulher com cara de boneca, que caiu de algum acaso, foi seu último gozo em vida, um anjo enviado da constelação de Cérbero. Sem mais ilusões, sem aventuras e exercícios de riscos. Dizem que neste local morreram dois homens ainda ontem, um mendigo matou gigolô conhecido da polícia, um corte profundo quase separou cabeça do tronco. Por que mendigo mataria se estar ligado à vida é por rançoso vício da carne e do osso? Estranha profissão, a da vítima, proteger e explorar mulheres de roupa e maquiagem extravagantes, quartos que lembram as histórias de mil e uma noite e dentes de marfim metidos em suculentos e exóticos lábios africanos. O irreal metido bem no centro da cidade é loucura para o homem que faz leituras do Sujeito deitado no divã, sem cenários reais.

No velório, a música escolhida deverá ser *Oblivion*, deixou escrito nas últimas recomendações de um morto. Também deixou uma carta aos filhos para que eles compreendessem que o ato nada tinha a ver com suas vidas. Por último, deixou uma declaração proibindo qualquer utilização de órgão seu. Não permitiria que parte sua andasse pela cidade no corpo de outrem, por mais humano que fosse o discurso. Não queria ver órgão seu fora das fronteiras do país. Nem uma córnea doaria. Cegos existem aos montes e córnea alguma melhoraria suas visões. A cegueira verdadeira talvez lhes dê a oportunidade de enxergar os fatos como são e não como os desejamos. Por que mudar destinos? Morria com a certeza de que o homem não tem o direito de adiar o momento mais sagrado da vida.

Música e silêncio. Descanso final. Cansava-se com as frases que surgiam em surtos já paralisadas de qualquer ato possível. Nunca imaginou que a espera da morte fosse tão cheia de delírios, como se palavras fizessem a ligação do corpo com a vida. Seria um descanso para lábios a morte de toda e qualquer fonte de significados. A hora estava próxima e não adiaría um segundo. Retirou a lâmina do bolso da camisa. Apalpou a artéria radial; cheia e acelerada. Treinou mais de cem vezes, não erraria. Vasculhou a memória à procura de imagens que poderiam aliviar a dor. Encontrou a música de Astor e o rosto da mulher que parou para pedir fogo, é o que levava consigo, viajante sem bagagem, sem esperança de uma vida após a morte. Para chegar ao verdadeiro fim de tudo, caso fosse necessário, morreria em série.

O SUSTO NÃO FOI A MORTE ACIDENTAL, MAS A GRAVIDEZ

Subir a Augusta ao som de *Meditango*. Sensação de o homem estar muito próximo dela. Perturbou-a o olhar dele em seu rosto, nunca homem algum dirigiu-se a ela assim, como se fosse uma verdade presente. Em tempo algum sentiu-se admirada; encarada sim, como um prato de guloseima, até chocolate e creme de leite colocavam em seu corpo, desejavam-na suculenta e melificada. Lambuzavam-se embebidos em álcool e droga, normais não se livrariam da repugnância, não conseguiriam lambar o corpo de uma puta. Com o estranho foi diferente, ele a quis com os cabelos escorridos pela chuva, a maquiagem gasta pela noite e o cheiro de mulher de rua. Há muito não se sentia uma cadela cheirada e lambida de modo tão animal. Molhou-se toda sorvendo a língua morruda e úmida do estrangeiro que atravessou seu sexo até a alma.

Prazer igual, nem quando a lâmina cortou o couro e lançou um ruído áspero no miúdo da chuva. Nunca imaginou que matar alguém pudesse provocar orgasmo. Não disse a ninguém, nem mesmo ao homem com quem dormiu depois do crime. Gozou vendo o sangue jorrar do pescoço, em jatos intermitentes e rápidos, até o cimento da calçada. Fez um serviço rápido no cliente que a pegou logo depois, um gerente de magazine sem o mínimo charme e desprovido de criatividade. Queria pagar para ser chupado, não importava o preço. Enquanto trabalhava, segurava na memória o rosto sem animação e pálido, a face cérea da morte. Misturava-se com a imagem de uma vela acesa que se consumia lentamente, contorcia-se pelo calor do fogo, até que um último sopro invisível a apagava e trazia de volta a face do morto em um último engasgo. O calor do sêmen na camisinha devolveu-lhe um zíper aberto, o pinto amolecido saindo de sua boca e o cheiro de cigarro queimado. Cinzas são indícios de algo que existiu e morreu, nada além de indícios.

Da Brigadeiro ao bar, levava um pai caído no chão da cozinha. De um canto, metida entre a parede e a geladeira, via o ódio da mãe que há pouco tentava afastá-lo do corpo da filha. Bêbedo, tropeçou em uma cadeira e caiu com a cabeça na quina

do mármore da pia. Tarde demais, um fio de sangue escorria pela perna na menina que nem mulher formada era. Ficaram abraçadas um longo tempo, o infeliz caído no chão de cimento. Foi considerada morte acidental, o passado de alcoolismo facilitou a conclusão, o doutor da família não solicitou necropsia. O pânico veio depois, com a descoberta da gravidez. A mãe não esperou um dia sequer, carregou a menina pelos braços até um sobrado pelos lados da Lapa, perto das Indústrias Matarazzo. Não lhe disse nada, mas a menina já começava a compreender aquela saída apressada. A mulher que atendeu a porta perguntou se estavam com o dinheiro, espiou cada dobra das ruas para certificar-se que estavam sozinhas e deu ordem para entrarem. A mãe aguardou no andar de baixo, a menina ouvia seus passos, a dor foi abafada por um pano colocado na boca. A mulher de pescoço grosso, dezenas de linhas no rosto e os dedos marcados pela nicotina era igual a tantas outras que veio a conhecer depois. Fez o serviço em absoluto silêncio.

A criança descobriu dor no rosto da mãe, mas confundia-se com o prazer que havia experimentado. Um dia resolveu confessar. Foi expulsa de casa. Desde então, nunca mais se viram. Sentia saudades, foi ela que a ensinou a gostar de Astor, adorava *La Maison de Monique*. Muitas vezes flagrou-a dançando ao som da música com um parceiro imaginário. Diziam que ela dançava muito bem, mas tudo se acabou com a morte do marido. Chorava toda vez que ouvia a música. Morreu atropelada na saída da igreja, a frequência na missa aumentou depois do aborto. Esteve no velório, ficou à distância de modo a ninguém perceber sua presença. Os parentes nunca aceitaram o ocorrido. Mesmo a mãe, às vezes, jogava a culpa na filha. Mulher é sempre a culpada, é assim desde os primórdios. Mulher nunca é violentada, mulher atrai a violência.

Não tem fotografia da mãe nem do pai. A dele a mãe queimou todas, nem o álbum de casamento guardou. Com a expulsão, conheceu o gigolô. Fazia ponto em um bar próximo da Santa Casa de São Paulo. Ofereceu-lhe moradia e proteção. Não tinha escolha, foi vendida como virgem um bom tempo. É sempre mais fácil con-

seguir freguês quando se é jovem, os homens têm esse lado perverso e querem sugar a juventude na fonte. A fantasia da virgindade aliada à idade rendeu-lhes um bom dinheiro. Era um gigolô competente, disso não tinha queixa. Afora a violência de alguns fregueses, ficar na rua sem gigolô daria cana na certa. Aguardaria os acontecimentos para decidir o que fazer.

Dobrou a Paulista à esquerda. Com a garoa, a cidade lavada, o céu era de blocos enegrecidos de nuvens. De pronto, não acreditou. Pela roupa, só poderia ser o estrangeiro. O sacana comeu, saiu sem se despedir e levou alguns trocados. Parecia cochilar na mureta de cimento. Bronca esboçada, apressou os passos. Parou próximo ao corpo. O sangue pingava do punho e uma poça vermelha formava-se ao redor dos pés do suicida. Ficou paralisada, pernas moles e a imagem de três rostos: o pai, o gigolô e, agora, o estranho. Tratou de arrancar um pedaço do vestido e tentou estancar a hemorragia. Nem o nome dele sabia. De nada adiantava o hospital próximo. Vivo estivesse, que maluco pararia o carro para carregar um estranho sangrando e uma prostituta? Somente alguém em paz com a morte notaria que puta existe. Compreendeu tarde, o estrangeiro fizera tudo muito bem planejado, somente ela não fazia parte do final, fora um encontro casual.

Não poderia permanecer ali sentada, o homem no colo e a lâmina com sangue coagulado nas mãos. O corpo estava quente. Precisaria sair em carreira antes que os homens da lei chegassem. Em delírio poderiam ligar as duas mortes, dois assassinatos com arma cortante. Arranjaria um pouco de pó, não estava preparada para mofar em um cubículo frio e estreito. Para morrer, nem falar.

MUDAR AS REGRAS OBRIGA UM TEMPO DE GUERRA

O bulício na frente do prédio da Gazeta arrastou um monte de rostos jovens pela calçada. Ouviu alguns gracejos, soltou alguma grosseria, sempre prossequindo. Por mais que se esforçasse, música alguma aliviava o abismo que tinha à sua frente. Com duas mortes, por mais que nos afastemos, sempre haverá escuridão, mais se foram provocadas por amor ou ódio.

Atravessou o passadiço que liga a Paulista à Brigadeiro. Já foi um luxo, hoje é um prédio decadente. As meninas não estavam na rua. O momento era muito mais de medo que de respeito ao luto. Ligação de puta com gigolô é igual família, respeito amalgamado pelo pavor. Você vai se acostumando com o outro, ajeitando-se nos defeitos dele, comete pequenos delitos e descobre o prazer que eles trazem. Quando pai morre, até se descobrir uma nova ordem, muito sofrimento rola. Você se habitua com as reações, joga e chantageia, mata no momento certo e dá um tempo quando lance pode ser fatal. Mudar as regras obriga um tempo de guerra, reconhecimento de táticas, blefes e vícios. Muita morte ocorre e ninguém gosta disso, nem mesmo quem vive trocando o parceiro de jogo no dia-a-dia.

Matou e não sentia remorso, pagou pelo filho que ele mandou tirar. Não se conformava com a morte do estranho, pelo modo de se expressar, homem de estudo. Falava difícil, mas de algum modo tudo que dizia tinha um sentido para ela. Puta ouviu muito e não deve se envolver, nem os fregueses pagam para ouvir conselhos ou opiniões, aprendeu cedo. As amigas que resolveram se intrometer não duraram muito na vida. O segredo de uma boa profissional é ser desorelhada e muda. Homens não gostam que relembremos o que disseram, principalmente se rola droga, pagam pelo silêncio.

Com o estrangeiro foi diferente, fitou a orelha e deixou som entrar, assim como faz quando ouve *Moderato Místico*. Não compreendeu o que ele queria dizer quando viu que ela também gostava de Astor: Cuidado, Piazzolla é a própria morte. Nele, sangue é sangue, lágrima é lágrima, somos suicidas ou criminosos, todos marginais. Nua e noturna, ninguém precisaria lhe dizer, mas chegada à morte, discordava. Estava certo que muitas vezes chegou a pensar que o homem chorava por ela, mas a tristeza não era dele. E *Bidonville*? Não é um nascimento, criança parida com uma vontade funda de ser pai? Não, nenhum tango é responsável pela morte do homem. Sempre viu nas amigas que se suicidaram um olhar de Maísa, de avenida São João com avenida Ipiranga. Todas que não faziam um pé-de-meia tinham o mesmo

fim, os corpos eram encontrados em algum hotel vagabundo perto da rodoviária. Arrepiou-se toda com a possibilidade de ser despejada. Puta sem gigolô é como carniça, será comida de urubu.

Depois da morte do pai, o locador vivia em casa cobrando aluguel. Um dia, calou. Nunca perguntou à mãe o motivo. Nunca mais o viu pelas redondezas, nem para cobrar o que lhe era direito. Até a morte, a mãe permaneceu na casa onde o pai teve crânio trincado. Distante no tempo, não é difícil entender o que aconteceu. As idas à igreja tinham outros motivos que não o aborto da filha. O homem também era de igreja, amigo muito próximo do padre da paróquia. Nunca desconfiou da demora da mãe e, se soubesse, daria todo o apoio. Ela merecia algo melhor que um pai bêbado, sabia o que era se deitar com um homem cheirando à bebida, suportou muitas vezes situações semelhantes.

Andava por não ter amigos, nas ruas ninguém é amigo de ninguém, individualismo extremo, disfarces não funcionam. Com eles a cobrança vem junto, sem limites. Não adiantaria voltar para casa, há anos não dormia à noite. Encontrou ponto de pó, cheirou forte, longe do povo que se aglomerava na porta do bar. Foi sempre de usar droga sozinha, não gostava de se expor, dar bandeira para investigador zureta e mal-intencionado.

Ziguezaguear passos amordaçada pelo pó branco. Anjos dançavam *Adios Nonino* em Buenos Aires ou Santiago. Rostos eram difíceis de ver. É noite clara, um carro pára na calçada, e a mulher sabe que, com ou sem Astor, puta não pode, nem morta, se dar ao luxo de ter um passado.

A MULHER BENZIA A CASA E ACENDIA INCENSOS VÁRIOS

Olegário passou grande parte de sua vida envolvido em livros e mais livros de filosofia e direito, vomitou pelos quatro cantos e por todas as desdobras o estudo da ética. Todos o respeitavam pelo excelente professor, profissional e pai de família que demonstrava ser. Destacou-se entre os alunos desde o início dos estudos. Muito cedo, foi convidado a participar de seita secreta, o que aceitou com bastante discrição. Destacou-se rapidamente entre os membros da estranha confraria. Não fosse a finitude, nos assuntos da mente, uma fantasia medíocre, tudo estaria na mais perfeita ordem. Talvez estivesse aí sua resistência em tentar compreender a angústia que sentia nos finais de tarde. A retórica não combinava com o sujeito fragmentado que estranhava a própria elegância com que se vestia. Fez do destino uma rapsódia húngara, uma composição tabular. À noite, a máscara desfazia-se em fios de nada, desaparecia em aberturas inexploradas. O fato de não ser o único, em nada aliviava o desconforto sentido. Aprendeu nos livros de medicina forense e consigo próprio que a forma mais segura de se avaliar um caráter era através das indiscrições de comportamentos observados de soslaio. No lixo, encontramos os verdadeiros resíduos da nobreza, sabia disso muito bem. Mas de nada adiantava todo seu conhecimento. Um banho rápido, uma aspergida de cheiros e o cabelo aplicado em gel transformavam-no em algo mais real. Pelo menos era assim que se sentia, a boca dizia a linguagem da alma e do corpo, sem sombras. O peito parcialmente à mostra exibía um amuleto em ouro e prata. Foi presente do pai, um homem bastante autoritário e supersticioso. Achava que lhe trazia sorte. A madrugada era dedicada ao jogo. Da lógica intelectual, mergulhava nos brinquedos de azar, no rolar dos dados. As peças refletiam no verde dos olhos como os piões giravam nos olhos da criança. As pálpebras imóveis sustentavam a crença de um dia poder domar os movimentos deles com o pensamento.

Foi assim que a conheceu, jogando. Festejava uma vitória, lançando a mão fechada no vazio, quando a atenção refugiou-se nos ombros descobertos da mulher

de longo pescoço, cabelos curtos e castanhos. Usava um longo vestido marfim, apenas acompanhando as linhas do corpo. Na orelha, trazia um brinco em ouro. Incrustado bem no centro, um diamante. No rosto, uma maquiagem discreta, sobrancelhas grossas e longos cílios. Agitava o vermelho dos lábios animadamente. Percebeu que ela o observava obliquamente. Na primeira oportunidade aproximou-se da mesa onde ela jogava. Acertou as primeiras cinco jogadas na cabeça o que o levou a puxar conversa. Estava convencido de ter uma fada ao seu lado. Soubesse em que estava se metendo, teria evitado. A mulher era cheia de palavras, o pescoço surrealista e os gestos discretos escondiam uma serpente preparada a dar um bote. Mas o amor nessas horas é um ato de fé. Acreditou cegamente nas linhas do horizonte, passou a ouvir cordas e tambores. Embebido em mirra, caminhava sem perceber a dor dos acidentes das estradas de terra. A mulher, travestida na boléia, definia o destino dos cavalos. Carregava, à velocidade do vento, a informação de morte próxima. “Atrás das muralhas, há uma pedra bruta erguida em nome de Deus”. As palavras caíram da noite, vinham de um centro de luz que ofuscava os olhos. Não sabia o que havia acontecido entre ele e a mulher, bebera demais. O imaginário vinha dos faróis dos carros que escorregavam na garoa fina da noite. Trouxe-lhe prazer o negro namorando a loira. A noite permite pequenos delitos sociais, afasta ameaças latentes, torna os desdobramentos e as ambivalências esperados em um jogo ao acaso. Decidira-se: seu dia deveria namorar a noite, seriam transformados em duas moradas, dois palácios... o duplo transformado em uno... Precisava se levantar, ficar em pé... O espaço e o tempo divididos. Chegar ao fim de um ciclo. Era isso que dizia a mulher segurando a carta com o Enforcado. Agora, na primeira jogada os dados repetem o número.

2-3

Acordou tendo ao redor uma dupla de branco. Um aplicava a injeção enquanto o outro bochechava o cansaço. Não conseguia distinguir os limites dos corpos. Ainda o impressionavam as labaredas e o frio que viviam lado a lado no pesadelo. Os

gases sufocavam, não deixavam que a voz pedisse socorro. Ardia a glicose que era aplicada na veia; devia ser assim o calor dos infernos. Os olhos pareciam ver pela primeira vez, fitavam pedaços do outro. Lábios gesticulavam sem som; olheiras de cansaço circundavam pálpebras. Sentia um gosto de diesel na boca. Ser um em três: o intelectual, o boêmio e o espiritual. “Precisarei dar três voltas para escolher o caminho...”, disse, ainda tonto. O médico riu para o companheiro e saiu sem nada dizer. Não podia mais manter aquele estado de coisas. O eterno triângulo que vinha desde a infância. O pai não suportou e se foi. Desde cedo, viu o mundo como um grande monstro, assumiu que deveria cuidar da mãe. O pai era o demônio que não aparecia em sonhos. Agora, ele repetia o destino do velho. Em casa, esperavam a mulher e o único filho. O tempo triplo. O passado dele era o presente do único descendente. Seria o futuro do neto, não tomasse alguma providência.

De que adiantou todo estudo de ética, se não passou de retórica, se mentiu, foi sarcástico e imprudente, se o delta luminoso não passou de uma letra grega? Como foi cego... É na duração do tempo que a treva e a luz se encontram. Lutou contra esse estado de coisas, do inferno das crises de abstinência, do tremor e do temor, dos gases e dos diabos dos pesadelos. Mas nunca o suficiente. Nenhum dependente parece querer lutar o suficiente. Há um batizado com a droga, um ritual para afastar o gosto ruim que a vida deixa na mente. Além do mais, mudar comportamentos não é o mesmo que trocar palavras ou sentido das frases, coisas que ele fazia tão bem nas salas de aula. Viver não tinha nada a ver com triângulos isósceles ou compassos. De dia, era um; à noite, outro. A energia no centro da pirâmide em nada ajudava no vício. Existe um outro lado na mente, que escraviza e cega, que deixa um rastro de memória tátil, esculturas em ferro, sucatas... Etéreas imagens... Toda rachadura tem duas faces, cabe a cada um descobrir a poética do vão. A idéia está no duplo do acaso do jogo; o perfeito, no triângulo isósceles. O pai, a mãe e o filho... O pai, a mulher e a amante... Deus criou o homem. Não o agradando a solidão do filho, criou a mulher para ser companheira. Esqueceu-se que era o terceiro; transformou-se em serpente. O que a

pobre da maçã e todos os homens que vieram depois têm a ver com tudo isso, com esse jogo de inveja e ciúme primordiais? Original ele era, não tenham dúvidas sobre isso, cheio de alegorias. Daí trazer no bolso o sentido das palavras de Constantino: só o homem sério será capaz de pôr sempre a mesma originalidade nas mesmas coisas. Mesmo bêbado... Quantos poetas não o fizeram? Não transformaram o triângulo invertido em vinheta de remate, o fim do capítulo?

3-4

O álcool vagabundo voltava na boca, ardia o peito. Depois do terceiro trago, engolia qualquer porcaria que lhe oferecessem. Dava razão à mulher, mesmo com um olho de vidro que a raiva dela colocou em seu rosto. Nunca imaginou que ela pudesse ficar tão contrariada com uma linha de sangue. Acostumou-se com o vidro sem vida, camuflando. Condizia mais com o seu dia-a-dia. A cruz dependurada na parede do pronto-socorro trazia o mesmo herói secular. O que teria feito até os trinta e três para querer salvar o mundo? Qual a culpa do seio de Maria? Crucificado na colina... De todas elas, a quarta é a mais próxima da saída. Deve-se aceitá-la sem ilusões desviadas para paixões desenfreadas. A idade é irreversível, não existe alquimista que nos revele o segredo da imortalidade. A cruz é um quadrado, cada face do dado tem quatro lados. Todos os reis são chefes de quatro coisas... A descoberta que a vida não é um jogo de acaso, assusta. Pé na terra, era isso que devia ter. Ficava na intenção, não conseguia mudar, repetia tudo da mesma forma. Os médicos o conheciam há anos, era cliente assíduo da madrugada. Cada vez mais destruído, o rosto mais inchado, as crises cada vez mais fortes. A mulher bem que tentou, tinha consciência disso. Mandou-o andar uma infinidade de vezes, mas sempre com uma dose de esperança. A eterna crença de que voltasse curado... Mesmo sabendo da concubina e da humilhação causada pelas perdas no jogo. Quem se cura de vícios? A mesma onipotência na fala de todos... O pai já era assim... Sentiu na pele e, estranhamente, repetiu tudo de novo. Já se tornava um problema na faculdade. A memória começava a não ajudar, confundia as leis. As reclamações avolumavam-se

na sala do reitor. Ele bem que tentou, ofereceu ajuda...

A amante saiu como chegou, na sorte dos dados. Dele, nada tinha mais para levar. Ainda deu uma chance. Ele arriscou 2 e 2, a somatória do quatro. Os dados rolaram no tapete da sala. Somaram quatro, mas 1 e 3. O duplo quadrado da burrice, pensou. Devia ter percebido desde o início que a sorte que tivera no primeiro dia vinha dela. Custou-lhe a raiva da mulher, o fragmento do prato rasgando sua córnea, uma vermelhidão cobrindo-lhe tudo que via e a notícia. Perdera um olho. Estranhou o modo como aceitou o ocorrido. Todo vício, traz uma dose de desbrío. O caráter perde o brilho. A mãe chamava o pai de estanhado. Sempre achou graça na palavra que ela inventara para substituir todas as outras que definiam melhor a falta de vergonha dele. “Fosse jurista e usaria *verecundia*... *Prob pudor!*”, disse ao enfermeiro que terminava um curativo. Atraiu a atenção de um padre idoso, de hábito esgarçado e descorado, que logo quis saber de onde vinha seu conhecimento de latim . “Do Lácio”, respondeu-lhe Olegário, com um ar sarcástico. A dor na fronte veio como um castigo. Começava a se lembrar da noite anterior... do triângulo e do duplo quadrado...

4-5

Chegou na universidade amarfanhado e bêbado. Acabou sendo preso por agredir um aluno que lhe chamou a atenção pelo fato de estar embriagado. Não respeitou nem o guarda que tentou apaziguar os ânimos. Ficou 48 horas dentro de um dado listrado de barras de ferro. Da gaiola, viu o Cruzeiro do Sul, suas cinco estrelas visíveis a olho nu. A universidade mandou um advogado para defendê-lo. Trazia também um recado: queriam que ele retornasse à faculdade quando tivesse resolvido o problema do vício. Ofereceram para pagar a despesa de um hospital psiquiátrico. Não aceitou, não se considerava um alcoólatra. “Viciado em jogo, sim!”, disse ao advogado, na porta da delegacia, dispensando seus serviços. Queria caminhar entre as linhas do pentagrama que desenhara como seu destino. Gostaria de recomeçar tudo, redescobrir a virgindade dos tempos, viver de forma ordeira e equi-

librada. Assistir ao renascimento do mundo ouvindo Vivaldi. O “vê se toma jeito” ficou para trás. Todos assim o desejavam. Não suportou o serão do diretor da faculdade no outro dia. Fez o que todos já sabem desde o início do lance. Na realidade, problematizar foi a justificativa para beber. Houve sucesso? Talvez no acaso da soma de números. A soma dos pares ou do primeiro par com o primeiro ímpar. Foi vontade divina, era isso... Atenuava a culpa, já que destoava da harmonia e do equilíbrio do número.

A esposa, assim como sua mãe, acreditava nas forças do mau-olhado, benzia a casa e acendia incensos vários. A mulher é mais simples e mais mística. O terço, de uso, perdeu o brilho. O analista queria convencê-lo a qualquer preço que havia destruído o seio bom da mãe. As velas eram muito mais baratas. Ele preferia continuar jogando. O cinco era seu número de sorte. Da amante, também... Cheirou, tocou, saboreou, olhou e ouviu-a eroticamente. O tempo todo... Mas o que é o tempo todo? Será o mesmo que todo o tempo? A mulher era um pouco a imagem da mãe... Como saber se foi um homem de bronze ou de ouro? Sabia que o ideal não existia. Mas estar sem emprego e família piorava tudo, trazia uma sensação de inacabado. Voltaria para a mulher... Ela soprava um vento de resignação nos lábios...

5-6

Olegário quase aprendeu a tocar flauta quando criança. O pai achou que violão era mais para homens, jogou-lhe um pentacórdio nos braços. Não saiu das primeiras lições, os dedos doíam. Deixaria uma carta pedindo que seu corpo fosse velado ao ar livre e ao som de um instrumento de sopro. Dispensava a família, os amigos e o padre; nunca o flautista. O corpo na praça principal de San Gimignano, observado pelos velhos sentados sob arcos e no silêncio de suas idades. Um estrangeiro tocaria no arco gótico. Pediria ao pároco para não fechar a igreja depois da missa. Desejava estar com seu Deus. Assim fosse, prometia perseguir todos aqueles que desacreditavam em um Deus único, ressuscitaria as cruzadas, defenderia a igreja. Mas pode sonhar um professor universitário, viciado em álcool e jogo, cheio

de pecados? O criador ficou do outro lado da corda assistindo de camarote. Não dá mais para reencontrá-lo. Ficou perdido em algum outro lance do dado. Se o mundo foi criado em seis dias, bastariam cinco lances ao acaso de dois dados para o criador resolver apagá-lo da história. Mas o último lance poderia ser seu. Não esperaria as lavas escorrerem pelas praias de Ipanema, apagando toda nudez da areia. Daria à vida, um final absurdo...

A carruagem acabava de chegar trazendo o automedonte de Aquiles cheio de novidades. Era chegada a ora, precisaria de coragem. Não conseguia enxergar o valor da única nota que trazia no bolso. Fez uns rápidos cálculos matemáticos e aproximou-se da aglomeração. No centro, um homem jogava no chão dados de marfim. Jogou o que tinha. O primeiro dado parou no 1... O segundo, ouviu da boca de alguém, ao cruzar a porta da fortaleza medieval. O som era anfórico, parecia vir de um outro espaço. Riu ao compreender que era o 3. Para renascer era preciso morrer...

A LUA É FEMININA

O céu encostou os ouvidos nas janelas dos prédios, aproximou perigosamente a Lua e as estrelas, da vida.

No apartamento 22 de um prédio antigo, até o homem que se distrai com a intimidade alheia aponta a luneta para o céu. Nas paredes do aposento, sucedem-se fotografias de mulheres nuas, casais na cama, na mesa e na rua. Sobre uma velha escrivaninha de madeira rústica, a fumaça do cigarro embaça o registro da mímica da família. O cigarro é torcido no cinzeiro e esquecido. Estranha sensação, ser observado por estrelas. A mesma que sentiu ao perceber que a mãe tinha um cheiro esquisito, que todas as mulheres exalavam um perfume ambíguo. Custou-lhe caro a curiosidade. Ninguém mandou a mulher que entrou no elevador vestida de tailleur branco encostar o cheiro no nariz dele. Sabia que a dor sentida ao ser mordida no púbis não chegou perto daquela causada pelos olhos cadentes da mãe. Puxado pelas orelhas, arrastou terra pelas ruas e vielas até chegar em casa. Logo esqueceram...

Hoje, sonhadoras deitam seus seios sobre os parapeitos das janelas sem serem incomodadas. Cheias de criatividade e embebidas na arte da dissimulação, elas sabem que em alguma janela há um homem que desconhece cerveja, pijama e televisão. Imaginam-no de óculos de aros finos e metálicos, barba e bigode à deriva, comportamento tímido e arredo. Desejar não é exclusividade de ninguém, ainda mais quando o outro é um desconhecido, quem sabe, um disfarce, uma luz fugaz em algum quarto de apartamento. Portanto, inútil tentar se vestir para a Lua, nada nesta galáxia será mais primordial e original. Ter esperança não deixa de ser uma pausa da razão... elas sabem muito bem disso.

No 52, a mulher brinca de pegar estrelas enquanto aguarda o marido voltar do trabalho. Colocou as crianças para dormir mais cedo, vestiu um penhoar transparente e se perfumou. Foi até a janela para ver a envergadura de seu homem ao chegar. Deparou com o jardim ao redor do prédio todo florido. A noite estava propícia aos sonhos. Até dispensou o amante tão logo percebeu ser dele a voz ao telefone. Talvez não chegasse capenga e com marcas de batom vermelho no colarinho da camisa. Por

um momento, arrependeu-se de querer o corpo dele esfacelado no asfalto. Tudo por um rapaz vinte anos mais jovem que ela. Sem o desprezo, os amantes não existiriam. Ou seriam mais numerosos? Estaria certo Nelson Rodrigues? Hoje, dispensa incertezas, sempre adorou receber rosas e cravos. Uma flor é suficiente para que se entregue totalmente ao outro. E o marido, há anos trazia somente o cheiro das putas. Perdeu a noção do tempo. Não demoraria e o menino se cansaria das estrias dela, esqueceria a mãe, é o que aconteceu com todas as suas amigas... Deixou que a Lua afastasse tristezas e, sem se dar conta de que o marido urinava nas rosas do jardim, fedido de pinga e orgasmos, passeou o olhar pelos filetes da noite.

O casal de velhos em beijocas na varanda do 83 não pertence ao nosso tempo. Parece invencionice, embuste de algum escritor. Mas são tão verdadeiros quanto a existência deste texto. Moram sozinhos: ele, no 85; ela, no 83. São viúvos, a família nada sabe sobre o romance. Nem perceberam a felicidade dos dois, o desaparecimento dos sinais dos maltratos causados pela exclusão do rosto deles. Dormem juntos há meses. O velho, vez ou outra, brinca de alcançar a Lua para ofertá-la à companhia e amante. Esqueceram as picuinhas do dia-a-dia. Há meses brincam com os vizinhos, pulam amarelinha com as crianças e não reclamam da aposentadoria. As pessoas estranham, olham de través os aventureiros que violam costumes e atravessam oceanos. Vão descobrir um dia que somente a velhice sabe da morte da Lua.

A mulher do 31 conhece o gosto de todos os uísques. Ela morre e ressuscita todos os dias. Conheceu o ritmo da Lua muito cedo. Daí ser uma das poucas pessoas a sorrir gostoso ao saber das novidades dos velhos. Por que não?, é o que mais se ouve de sua boca. No prédio, todos ignoram a opinião de alguém que afoga os desgostos no álcool. Mas qual alcoólatra não o faz?, mágoas são ofertadas em cada esquina da vida. Também o prazer. A escolha é nossa, de ninguém mais. O homem dela desapareceu muito antes de aparecer esse céu. À medida que cresciam, os filhos também se foram. Nunca mais foram vistos. Os vizinhos habituaram-se com as crises dela, com os bombeiros sendo chamados todos os meses para retirá-la da

mureta da varanda. Os amigos rarearam e perdeu o emprego. Nesta noite em especial, ela faz uma promessa ouvindo Bach. Ficará na lista das não cumpridas. A endormorfina cerebral domina. Ela alucina desde criança, escreve compulsivamente e morre.   Lua dia após dia, artista, daí ser a única a aproveitar a claridade da noite para prometer, escrever e beber.

No 13, coincidência ou não, a moça gosta de tar . Esqueceu as cartas na mesa e tenta descobrir o ascendente da nova companheira. Nasceu escorpião, não   necessário dizer mais nada. Nunca gozou com homens. Adora tudo que é feminino. A Lua   feminina. As nádegas da mulher que dorme na cama têm as cores da Lua. Gosta do cheiro delas. O p  que ajeita   branco. A mãe expulsou-a de casa ao descobrir suas tendências. Era assim que ela chamava: tendências. O pai parecia entender, mas não se esforçou para que ela ficasse. A mãe sempre foi o homem da f milia. O p  no nariz rebrilha um céu fantasia. Que gosto ter o as estrelas? A Lua parte-se ao meio, deixa sair o rosto de uma mulher cheia de serpentes. O que importa é o maldito ascendente, e ele diz que o romance não é promissor. Terminaria tudo tão logo a outra acordasse. Pediria socorro ao gerente do banco, o vizinho do 15, um solteir o cinéfilo, de libra. Ela desagrega, ele concilia. Foram irmãos em outra encarnao, debaixo de um céu medieval. Vieram de l , os dois, das ruas estreitas, da música barroca na praça, da Lua brincando entre as torres...

O 4 é muito perfeito para a época, que nada tem de sólido ou sensível. Todas as luzes estão apagadas, ninguém mora no apartamento há anos. Não vendem e não alugam. O dono aparece vez ou outra para arejar e limpá-lo. Falam que os antigos moradores formavam um casal quase perfeito, não fosse o fato de serem chegados a estranhos rituais. Morreram com bastante idade, no mesmo dia. Nada foi retirado pelos filhos.

Os da cobertura são os últimos, possuem a liberdade das alturas. Sentem-se estrelas longínquas, distante dos observatórios astron micos. O homem é diretor de uma empresa estatal, comprou o espaço com alguma negociata. A mulher aparece

por ali quando o marido, um diplomata, está em viagens de negócios. Estão às voltas com a construção de um castelo em uma cidade próxima. Uma réplica medieval, bem no alto de um morro. Sempre viveram no mundo da fantasia. Enquanto o homem briga com a antiga mulher pelo celular, a amante olha estrelas procurando aquela que irá obstruir as safenas do marido. O dois mergulham na Lua refletida na piscina.

A claridade desnuda a rua. Meretrizes pararam o serviço para ver a noite passar. O gigolô não gostou de ver, de sua Mercedes, o lado romântico delas e reclamou: “Vocês estão pensando que isto aqui é o Cabo Canaveral?” Acordou mendigos que roçaram os olhos com o dorso das mãos. Não acreditavam no que viam. A fome fica mais leve quando a natureza ajuda. Nas pupilas pequenas, luas e estrelas piscando. Nas dobras dos muros, o fenômeno da multiplicação. Mas a vida ensinou-os a serem desconfiados. Eram os únicos, eles e as meretrizes, a perceber uma plenitude e um vazio esquisitos no ar.

O céu resolveu encostar os ouvidos nas janelas dos prédios, aproximou perigosamente as estrelas de minha janela e morreu, lentamente, igual a todos os dias, sem mudar absolutamente nada... nem mesmo a desesperança do escritor que vê tudo se repetir no 11, no 23, no 55, no...

TIRAS

Amâncio-casado-pai-de-dois-filhos. Mãos de dedos longos, longa mão. Linhas forasteiras cavadas no deserto do rosto. Pelado de palavras; soltas palavras que nada exigem da vida: Deus, obrigado, sim-senhor... Lavras e sol na pá de todo o dia, puxou lixo, terra vermelha e a família. Chegaram juntos. Tiras de teimosia. Nem acreditava, mas tinha calos de lembranças.

O filho mais velho em tudo igual ao pai, pelado também tinha uma pinta bem naquele lugar que pobre tem vergonha de dizer, e pobre tem tanto e não diz!, terra seca de tudo, até de palavras. O mais jovem é atirador profissional, carrega vagas de crimes nos olhos vitrificados. Amâncio-casado-pai-de-dois-filhos lembra bem quando a criança abriu o olhinho pela primeira vez nas águas da vida; fez que não queria e agora... Vitricado pela droga, nada na marginalidade e espelha sombras da morte. Sabe tudo de leis; assalta mas quem atira é sempre o menor. Se aprendeu a ler, foi motivado pelo código penal; sabe mais da vida que advogado, que promotor e até juiz.

A mulher se dizia, já não o faz mais, emudeceu como a tarde, escureceu sem lua. A única luz está na lembrança do arraial. O resto foi prostituição, boceta aberta por reais que até padre chupou. Ainda bem que doutor operou; não deu tempo de ter nenê mulher. De longa caminhada intuiu que o sexo tem a ver com a qualidade do viver. Aprendeu a chorar de faz-de-conta. Varreu até onde deu, depois apelou. Agora corpo não serve mais para uso animal, passa o dia a chulear a culpa nas margens da memória.

Partes de Amâncio-casado-pai-de-dois-filhos não sonham nem têm consciência, logo, não devaneiam, fizeram de tudo para sobreviver. Cabelos negros pintados de branco, o homem flana vingança no jardim da praça pública. Longa mão segura arma que arrota única palavra que justiça ouve. Não importava quem deitava em sangue, queria acertar contas, melhor se fosse graúdo, mas esses não andavam em lugares públicos. Paciência, se pegava o bagre, o grande logo saberia. Cheirou pó que filho esqueceu na gaveta. Nunca pensou que olhos vissem um outro mundo, que

pessoas tivessem cor e a linfa fosse tão vermelha.

Bambambã da zona, dizia jornal no outro dia. Filho-mais-velho-em-tudo-igual-ao-pai, aquele da pinta no pinto, lê e não acredita. O pai sempre foi de pá, lavra, sol e sins, nunca de tiros. Nessas horas é que se conhece o homem dizia a si mesma sem saber o que isto significava, a mãe. O filho-atirador-profissional colou manchete no espelho do guarda-roupa, queria estar com o velho, pela primeira vez o via como herói. Sabia do prazer de matar aqueles que mataram antes pela indiferença. O corpo do pai recebeu mais do que deu, sempre foi assim, dezenas de balas vararam uma caatinga de corpo. Pai herói. Parecia novela. Meio morto; meio vivo. Estava morto desde o nascimento, sabia. Mas alguns daqueles-que-mataram-antes-pela-indiferença também morreram. Pobre sempre tem esperança e naquela ilusão de vida e de morte acreditou que todos entrariam no mesmo inferno.

Demoraram para liberar o corpo de Amâncio-casado-pai-de-dois-filhos. Longa mão pálida pelo vazamento do sangue, entre flores de segunda e velas queimando, foi velado por poucos. Forasteiro na vida, forasteiro na morte. A mulher-emudecida-pela-tarde deu uma vez mais ao homem do IML, ao homem da floricultura, ao administrador do cemitério. Alegre estava pela primeira vez, sabia estar passando SIDA para todos eles. Filhos-da-puta, sussurrava com dentes cerrados de ódio. O filho-mais-velho-em-tudo-igual-ao-pai já sabia de sua sina, futuro certo; o filho-atirador-profissional ficou em casa matutando vingança. Tinha planos para acertar cabeças em Brasília. Enterrado corpo, Amâncio-casado-pai-de-dois-filhos deixava viúva com boceta ardendo e dois filhos. Um deles cópia xerográfica do sofrimento do velho; o outro, desviava das balas dos homens da rota.

O bichos comem dedos longos, linhas forasteiras cavadas no deserto do rosto. Palavra não diz; nem Deus, nem obrigado, nem sim-senhor... Morreu Amâncio-casado-pai-de-dois-filhos, mas os ossos estão lá para soltar palavras que bocas calaram com medo das leis: onde a justiça não dorme?

CRIATURAS DE BALTASAR

Enquanto mordia e mastigava a fruta, Artur tentava compreender o estranho e pesado cansaço com que acordou. A carne e as juntas do corpo doíam muito, como se andasse a levantar uma parede de pedras. Há muito, não erguia um único tijolo e a idade não era muita para justificar aquele mal-estar todo, muito menos a noite que havia sido muito prazerosa. Se um caminhão passou por cima de meu corpo, foi no sonho, disse às paredes. De uns tempos para cá, vinha a falar com elas. Somente assim conseguia se distrair do coro que vinha de dentro. O falatório perdia as forças com o passar das horas. No almoço, não haveria mais que um frágil sussurro, um som de procissão a se esgotar nas inflexões das ruas. Acostumou-se.

Você vai chegar atrasado, fez saber uma voz feminina. A luz, interceptada pelas grades da janela, fatiou o corpo de uma mulher nua. Fitou o corpo zebrado pelas sombras dos ferros sem perceber o rubor no rosto dela. As grades nas janelas estavam ali por precaução, preocupava-o a estranha atração que sentia ao se aproximar delas. Ouviu muitas histórias de colegas solitários que se atiraram no asfalto e ele morava no quinto andar de um prédio situado no centro comercial. Nunca abriu a porta que dava para a varanda. Você não ouviu?, já passam das sete, assim vai perder a hora, insistiu a mulher. Tem razão, dormi pesado, respondeu pegando o casaco. Beijou-a sem entender os olhos castanhos, pareciam azuis no dia anterior. As lentes de contato são azuis, confessou a mulher ao percebê-lo surpreso. Pareceu-lhe conviver com ela há anos. Ficou a segurar a maçaneta sem vontade de girá-la. A companheira ajudou-o suavemente com as mãos. Se você ficar tem comida e bebida na geladeira. Por que dizer dessa forma?, poderia ser mais objetivo, usar o imperativo afirmativo, por que não?

A porta fechou um mundo e abriu outro. O ruído de chave girando na fechadura deixou definitivamente uma das montagens de sua vida para trás. Sentia-se cansado desse abrir e fechar de destinos, do jogo de poder que gerava crises nas relações a dois. No corredor, um tapete amarelo-ouro forrava o soalho estreito e cheio de portas. Em cada uma das entradas, do mesmo tamanho e da mesma altura,

um olho espiava e deformava rostos. O interior a observar o exterior, a decidir quem tem direito de atravessar os vãos. Parou esperançoso de encontrar algo novo, alguma surpresa, o som ou o cheiro de algum mistério. Ouviu somente os gritos vindos de dentro, criaturas de Baltasar, repetitivas, agiam como se a madeira e os gonzos fossem simples objetos de carpintaria. Um ruído forte e seco no outro corredor afugentou os sons, balançou os delicados lustres dourados que se alternavam com extintores de incêndio e gravuras construtivistas dependurados na parede pintada em um amarelo mais brando. A seta vermelha e um leve estalido fez com que saísse daquele marasmo a passos largos para não perder o elevador. Descer para o inferno...

A mulher acompanhou todo o movimento do homem que conhecera na noite anterior através do olho mágico. Tão logo desapareceu, voltou-se para a sala. Apalpou o próprio corpo, algumas peças que estavam sobre os móveis e o tecido da poltrona. Experimentou a estranha sensação de conhecer há muito mais tempo alguém que entrou em sua vida a pouco mais de dez horas. Então era verdade, podia apaixonar-se, o que é do tempo nesses momentos? Jogou-se sobre o sofá para rememorar cada minuto vivido desde o início. Encontraram-se na rua, acabava de sair de uma loja, cheia de pacotes. Ele se ofereceu para ajudá-la. Coincidência ou não, haviam estacionado no mesmo local. Aceitou o convite para jantar. A escolha do restaurante foi dele, uma cantina italiana escondida em uma ruela florida e mal-iluminada. Disse que gostava do local, que lhe trazia lembranças de Spello, uma pequena cidade da Itália. Não a deixou escolher o prato, pediu talharim ao molho de salmão e um vinho San Gimignano, fez questão que fosse safra do ano. O sabor da comida, como um perfume francês, permanecia na memória. Seria difícil esquecer a noite que passaram juntos. Nunca foi tratada assim por ninguém, mesmo o convite para que ela o acompanhasse ao apartamento foi muito natural. Até aquele momento, além de um toque de dedos, um ou outro olhar mais indiscreto, nada mais havia acontecido. Tudo muito sutil e indireto, igual à poesia que ouvira e gostara muito: seus seios/olham meus lábios/tesos/num rigor militar//meus lábios anseiam seus

seios/úmidos/num sutil transgredir/de olhar//:se tocam/apesar da distância/e das metáforas. Agora, aquelas palavras ouvidas, com o mesmo carinho com que a tratou na cama: se você ficar tem comida e bebida na geladeira. Queria ter os lábios dele beijando seu corpo, o grito que não conseguiu segurar, o corpo caindo no vazio e o sono. Um milhão de vezes... convulsionar. Acordou com o barulho de buzinas, ele lhe havia dito algo sobre a reunião. Lembrou-se apenas do horário. Procurou afastar a vontade de ir até a sacada e gritar que estaria ali quando ele retornasse, foi sempre muito instável, poderia mudar de idéia de uma hora para outra, desde criança evitava se ligar às pessoas a ponto de precisar delas... e a paixão trazia essa dependência a tiracolo...

O alvoroço da cidade invadiu o elevador assim que ele chegou no térreo. Cumprimentou o zelador, um velho aposentado, de cabelos tingidos de castanho, com as sobrancelhas e os bigodes que deixavam escapar alguns fios brancos. Separava as correspondências. Entre eles e a rua, havia um portal de ferro. Desde a infância, admirava o trabalho que as mãos do artesão anônimo haviam bordado nele. Encontrava-se ali o responsável pela decisão da profissão a ser seguida. Passava horas balbuciando frases desconexas, enquanto tocava com a ponta dos dedos os sulcos desenhados no metal. Com as pálpebras fechadas, tentava imaginar as formas. Dizia ser esse o modo mais verdadeiro para se ver. Cuidado com os olhos, dizia aos alunos de arquitetura, eles não tocam, perdem-se em falsas profundidades provocadas pelas cores e pelos reflexos, valorizam muito o subjetivo, se não forem devidamente treinados, podem interferir no resultado de um bom projeto; não é somente no amor que eles podem dar falsos indícios, na arquitetura também. Exageros à parte, percebia que ano a ano os alunos perdiam em crítica e criação. Do lado de fora do prédio, sobre uma mureta, o guardião era um leão. Os degraus em mármore, ladeados por um jardim de azaléias, terminava no mosaico grosseiro da calçada. Do outro lado, os prédios repetiam-se infinitamente, as linhas retas e lisas. Lançou um último olhar para a janela do apartamento. Nunca havia sido tão transparente com alguém, o cheiro da

mulher misturava-se ao gosto do vinho, a nova leitura do passado trazia um sabor diferente, uma mistura mais homogênea, um outro presente. Considerou absurdo o romantismo momentâneo. Com certeza, ajeitava as coisas para desaparecer, todas agiam assim. Adorava seu espaço, um mundo muito particular, sem o ruído que faziam as correntes presas nas pernas e no pescoço daqueles que caminhavam cegos de luz, que nada sabiam de metáforas em corpos nus. Quarenta anos vivendo sozinho, fazia parte daquelas paredes, igual à lenda turca onde a gruta serve de molde a uma forma humana que, sob o efeito do sol, adquire vida. Talvez, fosse sua metade perdida... gostaria de acreditar em duendes e fadas mas, por mais que tentasse, voltava ao concreto. Seria difícil habituar-se a dividir o espaço com alguém...

De repente, a mulher sentiu frio. Os olhos vasculharam cada dobra do apartamento. Com certeza, tratava-se de um homem com hábitos estranhos, nunca entrara em uma sala daquelas, mais parecia um templo, a melancolia e a energia conviviam simultaneamente. Uma tapeçaria amarela separava as duas poltronas. Nela, via-se a imagem de duas mulheres em roupas transparentes sentadas à margem de um lago. Separava-as do restante do mundo uma densa floresta. Sobre um dos móveis, um pequeno oratório feito de madeira trazia motivos religiosos e de guerra. Levantou-se para passar os dedos nas elevações da santa barroca. Os pais obrigaram-na a estudar em colégio de freiras. Conhecia a hipocrisia que preenchia os vãos daquele silêncio, das sombras que se avolumavam atrás das portas e desapareciam em orgias, o modo como as meninas fechavam os quartos, algumas usando os móveis como obstáculos. Nunca se esquecera dos olhos esbugalhados da mãe, bem na frente de uma imagem muito semelhante a que estava diante dela agora. Acabava de presenciar a superiora assediando uma de suas amigas. Viu muitas colegas serem castigadas pela cegueira dos pais que não acreditavam no que ouviam. No outro ambiente, um tapete vermelho trazia a figura de um lindo pavão. Uma biblioteca ocupava toda a parede oposta à do oratório. Nas estantes, os livros mantinham-se unidos pelo tempo, queriam vir em bloco. Arquitetura, filosofia, literatura, mitologia, debates e

ensaios. Ali também encontravam-se os discos: Haendel, Bach, Schumann e muitos outros. Gostava de Bach. A altura do som foi suficiente para preencher o vazio das palavras. Pegou no telefone, diria estar na casa de alguma amiga, ouviria algum sermão, diria não ser mais criança e, impaciente, desligaria o telefone. Não, não deixaria o mundano entrar naquela atmosfera, afastou os dedos do aparelho.

Vacilou na linha que separava o mármore, da pedra vagabunda. Tornava-se cada vez mais difícil assumir a rotina do dia-a-dia. A identidade, registro geral quatro milhões, trezentos e trinta mil, duzentos e vinte e dois, o número é a coisa, a coisa, o número, celas iguais, roupas iguais, mesma hora de se recolher e se divertir, todos são batizados, crismados e se masturbam aos doze, moram em conjuntos residenciais, fumam um mesmo baixo-teor, comem um mesmo *diet*, trepam com a mesma loira do cinema, na prisão e nas ruas, as mesmas crendices e o mesmo Deus, padres, com humor, fogem de suas igrejas ante à cegueira voluntária dos fiéis, escolas ensinam boas maneiras, jovens saem com o mesmo hábito invisível da mediocridade, enfrentam testes de suficiência, serão doutores, ninguém deixa de violar as leis, há um pacto de permissividade entre os casais, infinitamente, um é cópia do outro - ou seria a cópula do outro? -, até nas pequenas contravenções, nenhuma modernidade se esgota sem a transição, sem uma revolução em Paris. Os pensamentos multiplicavam-se nessas horas de indecisão, vinham em marcha acelerada, nunca davam meia-volta. Acompanhou-o durante todo o trajeto até o escritório. A secretária o aguardava com a pasta contendo os documentos necessários para concluir a transação. O negócio envolvia uma quantia vultuosa, o último que esperava concluir, a comissão permitiria uma independência nunca antes provada.

As partes interessadas estavam sentadas, aguardando sua chegada. Ao redor da mesa de mogno todos riam, um igual ao outro. A diferença estava nele, detestava piadinhas de mau-gosto, preferiria estar em casa, ao lado da mulher que lhe trouxe algum sentido para continuar vivo. Pela primeira vez, as idéias escorreram antes do desejo da carne, falaram antes de o corpo gozar. E não é obra de arte, não!, nada de

fingimento de artista que de um ponto descentrado decora e vomita o insubstituível, rouba e doa a alma ao original. A obrigação terminaria ao assinarem o contrato, enquanto não o fizessem não poderia sair dali. Tudo indicava que ainda ia demorar, havia fila para se contar piadas ou vantagens. Insuportável ter de ouvir velhos importantes darem uma de Casanova, quem mais sairia com esses cofres vazios de valores se não as profissionais? Passava das onze quando o assunto foi colocado em debate. Na verdade, interessava a todos, abria a possibilidade de grandes investimentos. Para ele, seria o último, aplicaria o dinheiro em alguma atividade que lhe restituísse a liberdade. Enojavam-no aquelas bocas empanturradas de obscenidades e comida. Livre e selvagem, sem guerras, não dá para distribuir as diferenças em um mesmo espaço. Depois do almoço, preparou o relatório final e discutiu os acertos finais com o cartório. Suspirou aliviado quando tudo terminou. Deu uma última olhada pela janela, ficaria livre daquela macaquice toda, da ecolalia reinante, do hábito e dos tiques, das linhas monótonas de uma modernidade em fim de viagem, da necessidade de recriar com craque ou heroína.

O homem parecia não ter passado, não encontrou nenhum indício de que houvesse algum. Nenhuma fotografia, diário ou cartas. Apenas um livro aberto com uma frase riscada a lápis: o homem que enxerga pela primeira vez, depois de anos de cegueira, não compreende o fato de chamarem de cão um animal, seja ele visto de frente ou de lado. Com letras pequenas havia acrescentado: o cego de Diderot era mais sábio e mais atual que todos os doutores juntos, preferia ter braços longos para tocar a Lua, sabia da inexistência de imagens visuais nos blocos da memória. Ver era tocar as partes, montar o todo. Foi assim que ele desvendou seu corpo, com toques leves e suaves, fossem com os dedos ou com os lábios. Nunca se sentiu tão invadida, apesar da leveza e do carinho com que a tratou. Quando notou não era dona de si, nem dele. Nada mais que um corpo em queda livre. Foi ao banho. A água descia pelo amorenado da mulher e desaparecia no ralo. Não lavava as idéias, nem levava os restos do prazer que ficaram. Por que ficar perfumada se não havia decidido a ficar?

A sensação de ter renascido dele não a perturbava, a submissão nunca foi sua companheira mas agora, estranhamente, a aceitava. Caso exigisse, cozinhar e costurar para ele, colocaria o chinelo para quando chegasse cansado do serviço, ouviria os problemas dele, sem contar os seus. A toalha enrolada no corpo acentuou os ombros e o longo pescoço. Os cabelos molhados e escorridos devolveram a verdadeira importância da testa, acentuaram o branco dos olhos. Apreciava as sombras do rosto, compreendia a sensualidade das mãos do Aleijadinho, eram as mãos de Deus. Preocupava-a o passar rápido das horas, cicatrizes na alma não faltavam, daí a tendência de evitar novas aventuras.

Desta vez, não passou na choperia que ficava embaixo do prédio onde trabalhava, tinha pressa, apostava com quem quisesse que ela o esperava. A certeza foi perdendo força à medida que entrava em contato com a dependência provocada pela experiência que tiveram juntos. Não era agora que se submeteria a alguém, não dava mais, por mais forte que fosse a atração. Nada de cegueiras, com o tempo os defeitos apareceriam, abafariam as boas intenções e os bons momentos, sabia o quanto era difícil para alguém conviver com um companheiro igual a ele. Sentiu-se aliviado com o congestionamento, teria mais tempo para decidir. E se ela estivesse lá?, disse-lhe que podia ficar, não poderia mandá-la embora sem mais nem menos. Não conseguiria, o cheiro dela continuava no nariz, um cheiro de sexo que lhe acendia todo o corpo. A luz do apartamento estava acesa, mas ela poderia ter saído sem apagá-la. O zelador estranhou vê-lo àquelas horas.

A mulher pegou seus objetos pessoais e saiu, não teria coragem de encará-lo e dizer que tinha medo. Passeou os olhos uma última vez pela sala, já estava se acostumando a ela. Chamaram o elevador ao mesmo tempo. A seta acendeu primeiro para ela. Ficaram cara a cara. Estou indo, deixei tudo arrumado... Eu vou levá-la. Não, não precisa, eu me viro, qualquer dia desses a gente se encontra novamente. Se você quer assim... Tão logo a mulher desapareceu na multidão, entrou no elevador. O tapete amarelo foi ultrapassado a passos lentos, deixou a porta do apartamento recostada e

foi ao banho. A água escorreu pelo corpo, esfregou-se até não sentir mais o cheiro de fêmea. Tentou convencer-se de que era a melhor solução. Afinal, até ontem, não passavam de dois desconhecidos, disse às paredes.

A COR E A TEXTURA DE UMA FOLHA DE PAPEL EM BRANCO

Dedo indicador no nariz, o homem fuçou o buraco calmamente. Parou a ponta do dedo na frente dos olhos. Notou a estreiteza do campo visual, daí aproximar e afastar o dedo procurando o ponto de melhor foco. Estava envelhecendo. O cigarro deixou uma marca escura na unha e na pele ao redor dela. O corpo estranho foi analisado com a minúcia de um relojoeiro, como se fosse o primeiro. No fundo, a sombra de um homem não lhe despertou maior interesse.

Hábito antigo, gostava de passar o dia sentado no portão. Vez ou outra, ia bebericar na cozinha. Pinga de alambique, das boas, nunca desprezou. Aprendeu com o pai. Um gole só. Retornava esfregando as mãos e fazendo careta. Os olhos vermelhos e brilhantes fixavam o olhar no final da rua. Oferecia-lhe outro colorido. Há anos, aguardava da vida algo mais do que ser tetracampeão ou herói por ter sobrevivido às endemias, epidemias, desnutrição, doenças profissionais, atropelamentos e às chacinas. Mas um dia era imitação do outro: os mesmos rostos, indo e vindo, como o fole de um acordeão. O desemprego aumentado como praga. O tempo cada vez roubando mais o espaço. Construíram um prédio enorme na praça do bairro. Uma construção cheia de curvas e arcos. Dizia o italiano vizinho que imitavam a arte de sua cidade natal. Que importância teria se roubou o local onde ele jogava truco, xadrez e conversa fora? Desde então, o destino do italiano era uma velha cadeira de madeira no apertado da calçada. Gordo, as pernas inchadas transudam água.

Além das crostas, gostava de brincar com as palavras, frases e sintaxes. Elas permitiam o jogo, mantinham o pouco que restou de sua individualidade. Levavam personagens para a rua e traziam pessoas para personagem. Assim foi com a vizinha, uma húngara corpulenta, loira de olhos claros, ancas saltando do corpo. Os indícios não deixavam dúvidas: ela tinha um caso com o motorista de táxi. O homem era um nordestino calado pelo intemperismo da vida, sempre bem-trajado, gel no cabelo, com costeletas bem-aparadas e rosto arredondado. Não dispensava o sapato marrom e branco e o chapéu caído sobre a testa. Trazia uma cicatriz no lado direito do

pescoço. Ficava carrancudo quando lhe perguntavam o motivo. Ele a valorizava. Poucos sabiam que foi provocada por um acidente ainda na infância. Foi estourar uma bombinha dentro de uma garrafa e um caco quase lhe cortou a jugular. Imaginavam fruto de valentia de nordestino, de algum acerto de contas, coisas da deusa Fama em seu castelo cheio de orifícios que assopravam novidades ao mundo. A mulher caiu nas graças dele. Essas coisas de paixão desenfreada, sem muita explicação, que acontecem em romances, mas também na vida. De repente, ela trocou de marido, de roupa e de sorriso.

Ele gostava de matutar coisas inúteis. Elas vinham e iam como os insetos que voejavam o lixo. O que mais poderia fazer um pobre morador de uma vila esquecida pelas autoridades? Água, algumas horas por dia. O córrego em frente mais parecia um esgoto ao ar livre. Sem aviso, cortavam a energia elétrica. Daí manter uma vela em lugares estratégicos na casa. A luz no rosto, esboços de objetos e o negrumento imitavam um quadro à Oitocentos. Nessas horas, a palavra morte entrava em seu circuito. Arrepiava-se todo ao pensar na possibilidade de ser enterrado vivo. Avisou a mulher para colocar uma vela e uma caixa de fósforos no caixão quando partisse. Ela brincou com a seriedade dele, perguntou-lhe se queria alguns livros e revistas. Para quê?, pensou. As palavras ajuntavam-se em sua cabeça sem o mínimo esforço. Sua história de vida mudou tanto que não sabia mais o que era real e o que era imaginação. O velho álbum de fotografia trazia-lhe à lembrança uma infinidade de passados. Apesar disso, nunca o agradou escrever. Letras possuíam alma? Palavras pensavam? Duvidava... Sabia que elas nasciam, morriam e ressuscitavam... Cristo é uma palavra...

O gringo, o marido da húngara que se apaixonou pelo pernambucano, sabia tudo o que falavam de Cristo, conhecia cada sentido bíblico. Trabalhador exemplar, treinava brasileiros em uma multinacional. A guerra não lhe deu outra opção, era pegar ou largar. Perdeu dois filhos na viagem, foram lançados ao mar. Submergiam em sonhos. Ninguém soube como o caso da mulher chegou até o ouvido do homem. Um dia ele resolveu parar para conversar, falou de coisas fúteis. O tremor nas pálpe-

bras parecia um aviso. O italiano não se cansava de dizer que na terra dele homem era homem, mulher era mulher - um pouco fora de época, hã de concordar -, e naquela situação alguém tinha de morrer. Mas a passividade do homem intrigava, o que levou os amantes a abusarem da sorte. Um dia tinha de acontecer. Aposentou os mandamentos. Sentiu ódio de Noé por ser um incluído, de Deus por ter abandonado Cristo à sua sorte, e matou os dois. Isso mesmo, o tiro entrou pela têmpora do amante. A mulher apanhou antes de morrer, estava cheia de hematomas. Talvez quisesse morrer assim, pelas mãos do marido.

Ser testemunha do caso passou a ser o assunto predileto. Fazia frio e garoava... Começava a narrativa dando um tom nebuloso e sombrio. Não fosse sua intuição e teria fugido da chuva. Mas algo lhe dizia para ficar um pouco mais no portão. Assim conseguiu os detalhes. Apresentou-se ao policial que primeiro chegou ao local. Foi logo dizendo que viu um homem cruzar a rua e jogar o revólver no córrego. Para ele, parecia tranqüilo demais para alguém que acabava de matar. Frisou que o suposto assassino chegou a ajeitar a gola do paletó calmamente sobre o rosto para se proteger da chuva. Depois, desapareceu na esquina. Não, não estava perto quando ele atirou - o fato constou dos autos - mas ouviu o estampido poucos minutos antes de o sujeito aparecer e jogar o revólver nas águas sujas do córrego.

A sombra e o ruído. Quase tudo na vida é conseqüência deles. A mulher retirava as roupas do varal para que não molhassem. Os pensamentos inúteis se foram com ela. A falta de ação e razão trouxe novos sons. A boca da mulher segurando o pregador, o pregador segurando a roupa, a roupa segurando o desejo. Há quanto tempo não trepavam? Um dia ela se queixou de dor, parou de reclamar do hábito que ele tinha de enfiar o dedo no nariz, meteu o seu na televisão e clique, desligou o botão do prazer. As bundas ficaram frias. Sentia falta do rosto bravo que ela lhe dirigia; do verde dos olhos que ficavam mais verdes ainda quando sentia raiva ou gozava. Estranho perceber essas coisas somente agora... Achava-a atraente, mesmo metida naquela roupa simples e desbotada. Cuidou dos filhos como ninguém. Não deita-

va enquanto não tivesse certeza de que estavam bem-acomodados e dormindo. Sobrava tempo para o marido. Adorava ser lambida, ouvir o barulhar da secreção na vagina e gemer baixinho. Não conversaram sobre o assunto. A velhice trouxe esses respeitos inúteis. Pensamentos... Mais passamento... O distanciamento imposto pelo tempo não o incomodava mais. Com a morte das palavras, apareceu um enorme abismo, cheio de murmúrios e sentidos, o que lhe permitiu brincar com as peças do jogo dos signos.

Quando se voltou, não havia mais crosta ou sombra. Somente a cena do crime. A mulher, não mais de quarenta anos, cabeça caída na janela, mantinha os olhos abertos, fixos no chão. Exangue. A pele mais clara que os cabelos. A cor e a textura de uma folha de papel em branco. Faltavam palavras ali. Levou um tiro no peito e outro na genitália. O sangue escorreu pela blusa, formou uma poça coagulada na saia, sobre o colo. Alguém colocou a fotografia da família no colo da húngara. Ao lado, faltava miolo na cabeça do homem. As pálpebras fortemente cerradas indicavam um último esforço para não ouvir o estampido. De nada adiantou. Foi carimbado também com um tiro nas partes baixas. Os corpos dos amantes ficaram em exposição quase um dia todo. O sangue misturou-se ao das manchetes dos jornais. Romantismo e guerra. Os pais evitavam que as crianças se aproximassem dos corpos, a morte era um segredo dos adultos. Os bombeiros vasculharam horas o córrego e não encontraram a arma.

Não fosse a vista e a chuva, poderia jurar que o assassino era o gringo. Mas sombra era sombra... Entrou para não se molhar. Ajudou a mulher a recolher as últimas peças do varal. Sem arma e testemunha ocular não havia como sustentar a autoria de um crime - se é que houve algum; sem palavras, nem a existência da narrativa é sustentável... Nada falou para a esposa...

IMPROVISO EM TOM MENOR

Lia *O Improvise de Ohio* pela décima vez: “Para sofrer menos ele tinha apostado na estranheza. Cômodo estranho. Cena estranha. Sair para onde nada nunca partilhado. Entrar onde nada nunca partilhado. Foi nisso que ele apostou um pouco, para sofrer menos”. Apreciava Beckett, um garimpeiro das diferenças, das repetições e do simulacro. Em cada leitura, descobria-se algo de novo. Agora, por exemplo, debruçado na única janela do cômodo onde morava, pensava no fato de o Blues ter algo a ver com a obra dele.

Na rua, a música expunha rostos estranhos, beiços e bundas grandes; também negras de cabelos brilhantes escorridos nas fronteiras africanas de seus ombros, algumas metidas em perucas grosseiras e grotescas. De nada adiantou o curso de antropologia na melhor universidade de seu país, acabou envolvendo-se com a tribo. No início, não. Anos de academicismo criaram muro mais alto e mais vigiado que o de Berlim. Mas o olhar, o cheiro e o som foram minando seu córtex cerebral. Notas lesmas martelavam a engenharia medieval imposta por um sistema educacional arcaico, de um saber aparente, de enciclopedistas.

Jamais se conseguirá medir com precisão a posição e a velocidade de uma verdade ao mesmo tempo. Quanto mais precisamente se puder medir uma, menos precisamente se poderá medir a outra. Verdade filosófica ou física? O gringo ignorou os dizeres na lousa. Vomitava palavras. Substituiu uma cultura por outra, geometrizarava, brincava com marionetes. Não perceberia a diferença entre um tutu de feijão mineiro e um paulista. Comia hambúrguer todos os dias. Um símbolo trocado por outro. A mesma linguagem da ciência, sem a repetição improvisada do Blues ou de Beckett: “Podia ele agora voltar atrás? Reconhecer seu erro e voltar para onde outrora por tanto tempo eles foram dois a sós? Dois a sós tudo partilharam. Não. O que ele fizera sozinho podia ser desfeito. Nada do que fizera sozinho poderia nunca ser desfeito. Por ele a sós.” Mediócrs vestidos em togas pretas, distantes dos riscos e dos imprevistos, das intuições e dos improvisos, metidos em títulos, não reconheceriam erro nem voltariam atrás. Morreriam lentamente...

A música soprava uma estranha saudade. A realidade é que os olhos acostumaram-se e a simetria emergiu. Também o viam do mesmo modo, tinha certeza. Em cada janela basculante um espião o acompanhava até o total desaparecimento na dobra da rua. Depois, vinham outros, até cruzar a avenida que os separava da elite econômica, do mundo dos sonhos, da boca cheia de conservantes e corantes mirabolantes. Ao redor da riqueza, sempre existe um bolsão de injustiças. Morava em um deles. No bairro, encontrava-se toda espécie de homem. Negros, latinos, prostitutas, artistas e homossexuais dividiam um dos quarteirões mais baratos da cidade. Velhas fábricas amontoavam-se, pintura gasta, reboco deixando à mostra o metal enferrujado. Ruído de locomotivas e aviões. Bem próximo, havia uma estação ferroviária e um aeroporto.

A bolsa oferecida pelo governo mal pagava a moradia. Dividir o espaço de uma antiga oficina de carros com mais dois estudantes aliviou o aluguel. Sem conforto, calefação ou aquecedor, difícil era enfrentar o inverno. Próximo, moradias de madeira enfileiravam-se na monotonia da cor e da geometria. Por um tempo, você poderia não entender o que falavam, mas saberia o que sentiam. É como ouvir o som que vaza das portas e das janelas das casas. Identificava-se com o ritmo, as batidas do som, as luzes amarelas nas varandas e com suas desconfianças. Noite adentro, gemidos e gritos de guerra não permitiam que abrisse a porta ou a janela. Afastava receios lendo: “Pela única janela a madrugada não vertia nenhuma luz. Da rua nenhum ruído de ressurreição. A menos que, abismados em sabe-se lá que pensamentos, eles estivessem insensíveis. À luz do dia. Ao ruído de ressurreição.” Todas as madrugadas eram iguais, em qualquer tempo e espaço. Na infância, os ruídos provocados pelo vento nas árvores e nas folhas secas traziam a insegurança e o medo. De manhã, uma varredura invisível levava o céu e os pânicos.

Não sabia o motivo que o levou a abrir a porta. Fazia um relatório para o mestrado — sem motivação, é certo —, quando um som seco veio de fora. Ao abri-la, o corpo veio junto. O suor vazava da pele do negro. Fazia um frio dos diabos.

Reconheceu-o. Metido em longo casaco negro e usando um antigo chapéu de artista, lembrava o personagem de Beckett: “Dia após dia viam-no percorrer, a passos lentos, a ilha. Hora após hora. Vestido com seu longo casaco negro, fizesse frio ou calor, e usando um antigo chapéu de artista. Na ponta, ele parava sempre para contemplar a água que se afastava. Como em alegres rodamosinhos, os dois braços confluíam e refluíam unidos. Depois, a passos lentos, voltava”. Estava sempre às voltas com um sax dourado, tocava em casas noturnas, refúgio da mesmice. Não sabia o que fazer com o homem desmaiado no chão. Sem telefone, estrangeiro e branco, com um negro agonizando dentro de casa. Se morresse, seria difícil explicar. Para piorar, os companheiros de quarto não estavam.

Mergulhado no medo, percebeu algumas escoriações no rosto e nos braços. Aparentemente, não havia ferimento de bala ou arma cortante. Cheirava a álcool. Foi difícil arrastá-lo para dentro. Ajeitou-o no chão, não teria forças para deitá-lo na cama ou no sofá. O medo segurou-o nas desoras; nunca noite foi tão demorada. “Nesse extremo seu velho terror da noite voltou. Tanto tempo depois, como se nunca fora...” Nem ler conseguia. Permaneceu de guarda, olhar na boca do vizinho. Imaginou-o traficante e criminoso. Pensou que estivesse fingindo para assaltá-lo. Um músico não poderia ser nada disso. Afastou os receios. Colocou um pequeno espelho diversas vezes diante da boca do negro para ver se embaçava. Tinham a mesma envergadura e estatura. Não fosse a cor... Policiava os lábios da vítima e distraia-se com a semelhança dos dois, quando viu as pálpebras dele arregaçadas. Foi uma alegria só.

Não havia implicação com droga, assalto ou briga étnica. O músico tentou explicar-lhe o ocorrido. A surra foi um alerta por ter engraçado com mulher casada. Preocupava-o a chegada em casa. Caso a esposa descobrisse o motivo, teria de agüentar outra sova. Enquanto falava, fuçava o quarto improvisado. Parou nos discos. Ouviu alguns. Perdeu-se no som e no horizonte. Alto e acurvado pescava novas melodias, sempre gesticulando o corpo. Como agradecimento, retirou do bolso do casaco um CD e desapareceu. Se a vida desafiava, a música aliviava, disse sorrindo

antes de sair. Restou o fim de noite e o presente. Produção independente. O entremetido fez com que perdesse o prazo de entrega do relatório. Deixou a universidade um pouco contrariado, caminhou por ruas ermas de tio Sam, entre mulheres de saias curtas, seios enormes, e grupos de jovens em ritual onírico. Singularidades. Dormiu o restante do dia.

Já havia esquecido o incidente quanto o homem reapareceu. Trazia um CD debaixo do braço e um convite. Aniversário da filha menor. Explicou que a mulher estava desconfiada e sua presença confirmando o ocorrido poderia ajudá-lo. Comprou uma bijuteria de uma vizinha cubana. Pela desnudez súbita da esclerótica, a menina gostou. Ficou com cotovelo apoiado no batente da janela, próximo da eletrola, olhar para o interior. Corpos lesmas; não paravam de dançar e bater palmas. Foi convidado pelo amigo, mas desistiu rapidamente, o corpo não ajudava. Ouviu Blues a tarde toda. Ninguém lhe dirigiu a palavra; nem mesmo a desconfiada esposa. Apesar disso, notou que o observavam de um modo diferente, algo gasalioso. Intuiu um ritual de passagem. Eles também tinham lá sua bagagem teórica sobre os latinos, brasileiro nunca foi bem visto em lugar algum do planeta. Nem faz força para sê-lo. Naquele momento, todos tinham um pouco de antropologista. Devia ter as orelhas longas, o nariz grande e os dentes de coelho. Como deveria ser seu sexo?

Estranho comportamento dos amigos do quarto quando retornou da festa. Percebeu a mudança quando lhes informou de onde vinha. Observou-se no espelho para ver se a cor da pele havia mudado. Nada! Tomou banho para perder possíveis cheiros anormais e se perfumou. Nada! Naquela semana, a polícia abordou-o diversas vezes. Em uma delas, levaram-no para o distrito, quiseram revistar o rabo. Não deixou. Ganhou algumas horas de cana. Aconselharam-no a não se misturar com os negros. Antes de retornar à casa, parou no bar onde o saxofonista trabalhava. Ficava enfiado em uma viela escura, na floresta de argamassa. No exílio imposto pelo tráfico, havia uma repetição da África antiga. Sentou-se na frente do músico. O cenário de pouca luz e o chapéu do músico sobre uma mesa trouxeram-lhe a fantasia de sua

tese estar também ali. “Em seus sonhos ele tinha prevenido contra essa mudança. Tinha visto o rosto querido e ouvido as palavras mudas.” O que queria lhe dizer o teatrólogo? A música trazia bundas e perucas sensuais, transformou imagem em fumaça. Foi convidado a dançar. Bebeu muito.

Acordou com uma mulher nua ao seu lado, corpo escultural e lábios suculentos. Permaneceu deitado, na pouca luz. A idéia surgiu nesse vazio da madrugada. O texto de Beckett, o Blues e o mestrado traziam pensamentos... “Que pensamentos, quem sabe. Pensamentos não, não pensamentos. Abismos de consciência. Abismados em sabe-se lá que abismos de consciência. De inconsciência. Lá onde nenhuma luz pode chegar. Nenhum ruído...” Encontrou a resposta. Nada de pontes entre dois universos e segregações. Mudaria o rumo da tese. Desistiria da bolsa, necessário fosse. Até um nome escolheu: Antropologia Blues. Faria uma obra que poderia ser repetida; substituível, nunca. Um pouco blues; um pouco teatro. Com um início, um ritual de passagem e um fim. Um sonho reescrito de uma forma muito pessoal.

Levantou-se e dirigiu-se à janela. Não restava mais nada a dizer. Pessoas, com seus passos de bailarinos, preenchiam as ruas. Tornaram-se como que um só. Faltou apenas um xamã... “Algum tempo depois ele reapareceu a mesma hora com o mesmo livro e desta vez sem preâmbulo sentou-se e leu-o até o fim durante toda a longa noite.” Beckett?

OS SONHOS DE PAULA

Em homenagem a Paula Rego

A música que o pai ouvia incomodava-a. Na verdade, nem sempre foi assim. Dependia muito do modo como acordava.

Nesse dia, por exemplo, acordou com a imagem da fada azul. Parecia um quadro. Um garoto com o corpo todo retesado e nu, os braços estendidos para trás e as mãos cerradas caindo sobre as nádegas. Na sua frente, a fada de azul trazia uma vareta mágica, segura pelo polegar e indicador da mão direita, a cair ao lado do corpo do menino de pés grandes e a cabeça pouco inclinada para a frente. Posição de quem anseia inundado de medo, o corpo todo duro, não somente o sexo. Este, por sinal, não se via. Não precisava, o corpo era todo falo. Mas o que incomodou no sonho foi a fada de azul. Corpo relaxado, sentada em uma poltrona, com os pés muito grandes descalços sobre um tapete. No rosto, a geografia do desejo e da morte. Grande veia fluía pela testa, olhos sombreados, com o nariz e o queixo afilados. Lânguida fada que precisava da criança para manter a luz da vida. Tímida criança que se deixava chupar o rosto pelos lábios da bruxa de azul. Cenário de sonho. Levitação. Viu a mãe uma vez assim. Havia um cheiro forte na cama. Ela esforçou-se para se levantar e beijar seu rosto. Estranha vontade de ser menino.

Irritou-se ainda mais com o clima de paz de sala, o odor de dever cumprido, a mãe fazendo sua sinfonia com pratos e xícaras na cozinha. O pai ouvia Schoenberg, sentado no velho sofá marrom, os pés sobre um tapete levemente arroxeadado. Não compreendeu os palavrões que Paula desaguou antes de desaparecer pela porta que dava para o quintal. Não viram o corpo-bicho da menina que voou no vazio, grunhiu como animal na grama e deitou-se no vão da ramagem, entre flores não vistas. Ao redor, havia apenas um fundo branco e o corpo riscado em pastel preto.

Mas Paula era mesmo estranha. Uma menina com cavernas de vazios e repressada no ódio. Ora mirava distante, do alto do cabo da Roca, ora as ondas agitavam-se muito próximas, entre pedras, como devia ser a boca do inferno. Uma criança instável e esquisita. Opinião da mãe. O pai achava-a especial. Que era diferente das outras, sabia. Nenhuma prima tinha a mania de ver tudo em branco e preto quando

sentia raiva. Menos ainda essa coisa de pedaços de cores fortes formando imagens e a compulsão de recortar figuras de jornais e revistas velhos. Por isso, em certas manhãs, não gostava de ouvir Schoenberg. O pai também ouviria as cores dele? E se enxergasse as dela? Ouviria os animais de profunda garganta negra e único olho, rostos perdidos, cabelos escorridos e as línguas e bocas vagueando pela sua mente nas horas das refeições? Criança-animal aprisionada em linha branca, menos a boca, lambendo nádegas; homem de nariz e queixo de inquiridor entre notícias de jornais com rosto saindo das pedras. A mulher com jeito de santa a repousar sobre o sexo-nádega-escroto com patas de cavalo. Sempre gostou de olhar os desenhos de Dante e ouvir as histórias do avô. Ele gostava de arte. Deusas egípcias carregadas pelos escravos. Figuras de Goya. De repente, Paula esquecia-se de tudo. Era como se as imagens conversassem com ela e permitissem ver o mundo como seus pais. Somente assim conseguia ouvir *Pelleas und Melisande Op. 5*, que o pai adorava. A fada de azul, que também era uma bruxa de azul, desaparecia por encanto; os ouvidos passavam a ver cores e os olhos a ouvir sons. Paula percebia que às vezes éramos inteiros, mas somente às vezes...

Talvez fosse por isso que Paula gostasse de recortar as figuras que encontrava nas revistas da casa. Picadas, criavam uma outra linguagem que os pais não compreendiam. Então, Paula montava um mundo próprio, cheio de ratos, insetos e pré-símbolos. Metade homem, metade cavalo. Seu Dom Quixote, guerreiro em frangalhos. Figuras egípcias que viu nos livros do avô, com cara de animal. Assim mantinha-se distante das regras militares que a mãe impunha na casa, de sua mania de ser a Vossa Excelência do território. Melhor que se transformar em macaco e bater na mulher, ou, conhecedora da fragilidade, oferecer-lhe uma pomba envenenada, como no sonho. Bem que gostaria, mas a inteligência e o corpanzil da mãe não permitiriam nem uma, nem outra coisa. Além disso, gostava dela, o que a deixava confusa. A mãe devia perceber, nem sempre conseguia dar ares de anjo ao rosto que escondia um samurai. Não suportava ver a mãe acariciar as botas e os cabelos do marido,

ter em si um poder disfarçado em atividade servil. Enfiar o braço na bota, ser o falo. Comportamento sorrateiro e olhar de gato no geometrizado do espaço. No escuro, o não-dito é um animal que olha para fora, a infinitude do mar; o dito, o domínio do macho que pisa em marcha militar. A mãe era uma felina. O pai, deixava-se levar, a esposa fazia e desfazia de seu corpo como as mulheres de Goya ao jogarem para o alto um boneco de pano. Quem se submetia?

O animal farejou a dona, sentou-se ao lado da sombra dela. Paula levantou a saia para o cão que não reagiu ao cheiro do sexo e ao rosto cheio e frio da menina. Afastou-a do imaginário, da jovem com criança no colo, de homens lambendo seus seios que começam a brotar e de sua mão curiosa invadindo o sexo do homem. Queria compreender as mudanças, o pai e a mãe. Mais, talvez... O cão permaneceu em silêncio, aguardava as maluquices da dona. Paula fazia dele um marionete. Ora era animal, ora homem, ora boneco. Paula também tinha lá suas transformações. Ele não tinha uma dona, mas uma mãe-babá-medicamante. A mulher zanga-se, aconselha, alimenta, impõe e barbeia seu homem. Tudo com mil expressões de rosto, cortes e penteados nos cabelos. Boneco com rabo entre as pernas e súplica na face. Sempre há uma flor, uma ave, um besouro ou uma carruagem de brinquedo a acusar ao cão seu papel.

O animal só não gostou quando as primas de Paula chegaram. Não sairia ileso da perversidade delas. Principalmente quando a dona resolvia transformar-se em mulher-cão, com olhar esbugalhado e boca preparada para morder. Dizia que era assim que a mãe a tratava. Mas não conseguiu fugir, ficou à mercê de uma margarida na orelha e um martelo que bem poderia arrancar seu pênis. Até ser esquecido. Daí, arranjar um refúgio. Fora sempre assim. As meninas precisavam se cansar. E foi o que aconteceu. Estava ali, obliquamente elas percebiam, mas não queriam mais nada com ele. Morrera debaixo da cama. Elas procurariam alguma construção feita em barro para destruir com um martelo de pau, ou falaria de sexo. Estavam ficando moças. Dia cheio para Paula que procurava se afastar da idéia da viagem do pai.

Passariam o final de semana na praia. Veria a mãe ajoelhada a deixar a brisa e o calor da areia entrarem entre as pernas, uivando no vazio da praia e no roçar da água na areia. Coxas de onde vinha um ruído de concha, chamamento de macho que se rendia àquelas pernas suculentas a comprimir seu sexo. Mãe e filha transformavam-se em duas cadelas a focinhar a falta do homem na casa. Suportavam o calor com punhos trancafiados e pés estendidos nos sonhos. O lobo uiva, fitando o horizonte, à procura de seu par. Paula não suportava o silêncio imposto pela mãe, sentada na velha poltrona da casa, um pé sobre o outro, braços escondidos nas costas e pernas contraindo o sexo. Sentia-se abandonada por aquele olhar vencido pela saudade e pela raiva. Bem diferente do dia em que o pai partiu e a mãe o penteava carinhosamente. Era seu o troféu. Ver a mãe daquele jeito, metida nos cantos da casa, cheia de ódio, com roupas de luto, transformava a menina em Branca de Neve a segurar o Troféu do Pai. Mas faltava um dia e Paula enfurnou-se em seus desenhos.

Animais reais a enfiar a espada no coração do homem comum, do palhaço submisso ao professor, do animal tornado boneco, do homem acariciado pela fêmea escondendo o desejo animal, da flor que gesticula, do machado a cortar o homem ao meio, da mulher que tem os filhos agarrados nas barras de suas ordens, no pai que tem o falo dirigido para a filha. Sonhos... De animais na sala de aula, da professora pedante pelo seu saber, da mulher-cacto que flutua, da navalha a fazer a barba no limite entre o pêlo e a pele, da mulher que aponta um revólver para o bonachão do homem, do jogo de cartas e do duelo. Bichos que carregam, matam, compram, ordenam, cuidam e correm atrás do sexo.

A mãe chora no quarto. Amanhã estarão na praia, com estrelas do mar, tartarugas e peixes. A mãe levará a máscara de quem não tem o animal a satisfazer o gozo e as flores mostrarão a língua. Para dormir, colocará o paletó do marido sob o corpo. Vestirá a roupa de casamento e manterá o olhar no branco acetinado do passado. Terá crises histéricas, morderá o próprio corpo e olhará a vulva como homem. Paula ouvirá os gemidos da mãe que roça o sexo na dobra da cama e perceberá no

dia seguinte o medo que ela sente de ser apedrejada. Mas ela continuará a se vestir para o retorno, tirará a roupa todos os dias como se o marido estivesse presente e, na sua ausência, tirará a calça com tristeza. Amigas terão um olhar pesaroso e a mãe ficará nua na areia, entre caranguejos e caracóis. Paula terá de suportá-la, agüentar a mãe tirando sua calcinha. Será sufocada pela maçã envenenada, mas gozará no lombo do cavalo a dor dela. Depois, observará tudo com sua retina colorida, cheia de cores primárias a esconder a culpa do pai perdido. Acariciará os cabelos da mãe com ódio de escrava no rosto, focinho de porco e garras de galhos secos de árvores. Não demoraria para ela ser muito mais que a mãe, encheria o corpo com um vestido bufante, seios bem marcados e ombros desnudos. A boneca de pano, maltrapilha, ficaria adormecida no passado. No futuro, seria uma dançarina flamenga. Um dia pintaria o pai entre anjos e santas, retiraria dele o peso do sexo, teria ele somente para ela, sem traquinagens ou medos de uma possível gravidez.

Mas o dia é o hoje e o pai ouvia sua ópera na sala. A mãe não chorava mais. Com cores de luto, ela sonhará com os movimentos do cisne. Descalças e com sapatinhas, em ritual erótico, as coxas e os braços chamarão o macho. Mas ele não virá e amanhã Paula dançará com as primas na praia. Ficarão felizes em ver a mãe sozinha. Imaginará ser seduzida pelo cavalo e trepará com ele. Depois, relembra todos os desenhos que viu nos livros de pintura, pegará as flores, os repolhos e os duendes do quintal, abrirá as pernas como faz a mãe depois da trepada, terá um sorriso maroto de descanso e fumará um cachimbo da paz. Vislumbrará a mãe velha e morta entre brinquedos da infância, desenhará um homem-cão, um maestro abraçando o vazio e uma mulher lambendo o chão. Apesar de tudo, continuará acreditando na fada-bruxa e nos homens que carregam no colo o corpo inerte de um garoto de nariz curto, mas que nos faz lembrar pinóquio... Por fim, Paula também adormeceu.

